

WAGNER DE OLIVEIRA THOMAZ

PROTAGONISMO JUVENIL

Análise das condições para sua promoção

CENTRO UNIVERSITÁRIO FIEO

OSASCO

2013

WAGNER DE OLIVEIRA THOMAZ

PROTAGONISMO JUVENIL

Análise das condições para sua promoção

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Curso de Pós-Graduação em Psicologia Educacional do Centro Universitário FIEO para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Educacional.

Linha de pesquisa: Psicopedagogia e teoria e prática

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Márcia Siqueira de Andrade

CENTRO UNIVERSITÁRIO FIEO

OSASCO

2013

THOMAZ, Wagner de Oliveira

Protagonismo juvenil: Análise das condições para sua promoção./

Wagner de Oliveira Thomaz. – Osasco: [s.n.], 2013.

.

Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário FIEO – UNIFIEO, Curso de Mestrado em Psicologia Educacional.

Orientadora: Prof^a Dr^a Márcia Siqueira de Andrade

1. Protagonismo juvenil. 2. Aprendizagem. 3. Juventude. I. Título. II. ANDRADE, Márcia Siqueira de.

WAGNER DE OLIVEIRA THOMAZ

PROTAGONISMO JUVENIL

Análise das condições para sua promoção

Aprovado em: de de 2014.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Márcia Siqueira de Andrade (orientadora)
Centro Universitário FIEO

Prof^a. Dr^a. Cleomar Azevedo
Centro Universitário FIEO

Prof^a. Dr^a. Mitsuko Antunes
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

DEDICATÓRIA

A todos os educadores e jovens protagonistas que lutam, educam na transformam as suas vidas e a sociedade através do protagonismo juvenil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus queridos mestres:

Profa. Dra. Marisa Irene Siqueira Castanho,

Profa. Dra. Leda Maria Codeço Barone

Profa. Dra. Beatriz Judith Lima Scoz

Profa. Maria Laura Barbosa Franco

Profa. Dra. Cleomar Azevedo

Agradeço aos meus orientadores: Prof. Dr. João Clemente de Souza Neto que muito me ensinou e a Profa. Marcia Siqueira de Andrade, que me acolheu com muito carinho muito contribuiu para a minha chegada deste momento, acreditando sempre no meu potencial.

EPÍGRAFE

“Aquele que não consegue superar a dor e a frustração perde a condição de aprender” (Souza Neto, 2009)

THOMAZ, Wagner de Oliveira. (2013). **O protagonismo juvenil. Análise das condições para sua promoção.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Educacional) - Curso de Pós-Graduação em Psicologia Educacional Centro Universitário FIEO, Osasco, SP.

RESUMO

O presente projeto teve como objetivo identificar e analisar condições que favorecem o protagonismo juvenil. Participaram da pesquisa seis pessoas de ambos os sexos, com idades entre 27 e 37 anos. Os dados foram coletados pelo próprio pesquisador com a utilização de dois instrumentos: entrevista semiestruturada e questionário sociodemográfico. As entrevistas ocorreram em dia, horário e local previamente agendado, foram gravadas e posteriormente transcritas. Os dados quantitativos foram analisados pela estatística descritiva e os dados qualitativos foram analisados pela técnica da análise de conteúdo, buscando-se *a posteriori* as categorias temáticas que emergiram do discurso dos participantes e que explicitaram os sentidos atribuídos por eles à noção de protagonismo e à própria capacidade de ser protagonista. Os resultados indicaram que a afetividade, a aprendizagem e a arte. Essas categorias apontam na direção das condições encontradas pelos participantes desta pesquisa para tornarem-se protagonistas da própria história. Esta pesquisa mostrou pontos a serem considerados no planejamento e implementação de ações estratégicas direcionadas à promoção do protagonismo juvenil.

Palavras-chave: Protagonismo, Educação, Juventude.

THOMAZ, Wagner de Oliveira. (2013). **Juvenile protagonism. Analysis of the conditions for their promotion.** Master's Dissertation: Educational Psychology, University Center of FIEO, Osasco, SP.

ABSTRACT

This research aims to identify and analyze conditions favoring juvenile protagonism. Study participants six people of both sexes, aged between 27 and 37 years. Data were collected by the researcher with the use of two instruments: semistructured interview and sociodemographic questionnaire. The interviews took place on the day, time and place beforehand, were recorded and later transcribed. Quantitative data were analyzed using descriptive statistics and qualitative data were analyzed using descriptive statistics and qualitative data were analyzed using content analysis, indicated that affection, learning activities. And point toward the conditions encountered research showed points to be considered in the planning and implementation of strategic

Keywords: Protagonists, Education, Youth

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Análise descritiva em relação ao sexo dos participantes.....	26
Tabela 2: Análise descritiva em relação à faixa etária dos participantes.....	26
Tabela 3: Análise descritiva em relação à escolaridade dos participantes.....	27
Tabela 4: Análise descritiva em relação ao estado civil dos participantes.....	28
Tabela 5: Análise descritiva em relação à presença de filhos.....	28

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	13
INTRODUÇÃO.....	17
1 SOBRE O DESENVOLVIMENTO HUMANO	20
2. Jovem e juventude: definindo categorias	22
3. O conceito de protagonismo juvenil.....	25
4 Método.....	28
4.1 Participantes.....	28
4.2 Instrumentos.....	29
4.3. Procedimentos.....	29
4.3.1. Coleta de dados.....	29
4.3.2 Análise de dados.....	29
5.RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	32
5.1. Características sócio-demográficas dos participantes.....	32
5.2. Condições para o desenvolvimento do protagonismo juvenil.....	32
5.2.1. Protagonismo juvenil e afetividade.....	35
5.2.2 Aprendizagem como base de construção do protagonismo.....	41
5.2.3. A arte abrindo caminhos para o protagonismo.....	41
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
7. REFERÊNCIAS	57
8. ANEXOS.....	57
Anexo 1. Categoria teórica: Afetividade.....	57
Anexo 2. Categoria teórica: Aprendizagem.....	63
Anexo 3 Categoria teórica: Arte.....	64
Anexo 4 Roteiro de entrevista.....	65
Anexo 6 Aprovação do comitê de Ética em pesquisa.....	93

PREFÁCIO

Nasci no dia 17 de abril de 1983 no Hospital Amparo Maternal situado na Vila Mariana, município de São Paulo, às 18h e 30m. Minha família é residente do município de Jandira desde 1950, moradores do bairro denominado Sagrado Coração de Jesus devido ao colégio de padres da Congregação Coração de Jesus.

Sou filho de mãe solteira, primeiro filho, fruto de uma gravidez não planejada, ocorrida aos 17 anos de idade, quando trabalhava como empregada doméstica, na década de 80, em uma casa de família no bairro da Lapa, em São Paulo. Meu pai era filho de seus patrões. Ao saber que havia ficado grávida minha mãe contou aos meus avós paternos que não reconheceram a criança como seu neto e a demitiram. Meu pai, adolescente também na época, não ficou sabendo da gravidez e, segundo minha mãe, caso tivesse sabido não teria assumido a paternidade.

Minha mãe sempre morou com os meus avós maternos. A situação econômica era precária, o país passava por uma crise econômica que se refletia, principalmente na geração de empregos. Morávamos nove pessoas em um barraco de madeira com apenas 02 cômodos. Contávamos com o auxílio de pessoas que doavam alimentos, roupas e calçados, que buscávamos aos domingos no bairro da Lapa.

Nossos alimentos eram preparados em um fogão a lenha improvisado. Todos os dias cortávamos lenha numa mata em frente de casa para cozinhar e esquentar água para o banho pois não havia água encanada.

Meu avô, que havia perdido uma perna ao ser atropelado por um trem, era alcoólatra, não trabalhava e era extremamente agressivo. Não me recordo de ter sido vítima, mas no dia do meu aniversário de 04 anos presenciei minha mãe levando uma paulada com o cabo da muleta do meu avô.

Inicie a pré-escola aos seis anos de idade e ingressei no Ensino Fundamental com oito anos, pois como só podiam ingressar na primeira série alunos com sete anos completos, fiquei um ano fora da escola. Aprendi a ler na primeira série, mas não consegui desenvolver muito bem a escrita. Na escola quase não abria a boca, tinha vergonha de tudo. Por conta da situação financeira fui para a escola, várias vezes, com roupas sujas, rasgadas e com o rosto preto de carvão. Os outros alunos faziam chacota, a

escola era um lugar hostil contribuindo para o meu retraimento e para os problemas de aprendizagem que desenvolvi. Reprovei a quarta série do Ensino Fundamental. Meus primos, que já não suportavam a situação, abandonaram a escola. Eu permaneci, passei para a quinta série e meu desempenho foi um pouco melhor.

Na adolescência, as dificuldades materiais e o preconceito aliados às raras oportunidades para superação da pobreza favoreceram o surgimento de revolta, misturada com frustração. Apesar de viver uma situação limite nunca parti para as drogas. Para não cair neste caminho busquei por emprego desde muito cedo. Porém, nem mesmo emprego de *office boy*, tão comum entre jovens daquela época, eu conseguia, acredito que por conta das minhas dificuldades na escrita.

Descrevo-me como um adolescente que foi obrigado a se tornar um adulto precoce, depressivo, tímido, com baixa autoestima. Mas, de maneira alguma abandonei a escola; mesmo com bastante dificuldade cheguei até a oitava série, quando comecei a me envolver com o grêmio estudantil, oportunidade que modificou os rumos da minha vida .

O grêmio estudantil foi a saída para modificar a minha situação, porta de entrada para o nível superior e até mesmo para o mestrado. Acredito que se não tivesse me envolvido com uma atividade que elevasse minha baixa autoestima, que alimentasse e configurasse meus sonhos, minha vida poderia ter tomado outros rumos.

No ano de 1999 por meio da União Estudantil de Jandira e da Diretoria Regional de Ensino foram promovidos diversos encontros entre estudantes representantes das escolas estaduais dos municípios de Jandira, Barueri, Itapevi, Pirapora do Bom Jesus e Santana de Parnaíba. As diretoras das unidades escolares estaduais eram obrigadas a enviar para estes encontros dois a três representantes dos estudantes de cada escola.

O comportamento contestador dos integrantes da União Municipal Estudantil de Jandira, alunos polêmicos e questionadores que provocavam grandes debates sobre gestão, método de ensino, qualidade da educação, merenda escolar, algumas vezes promovendo manifestações para troca de diretores e professores fizeram com que a diretora da minha escola escolhesse alunos da minha sala, 8 serie B, entendida como uma turma passível de manipulação e incapaz de promover transtornos que alterassem o cotidiano da escola.

Ao falar sobre o evento a professora perguntou quem dos alunos poderia ir, explicando que os interessados deveriam levar um prato de salgado, doce ou um litro de

refrigerante. A idéia de que no local haveria comida despertou meu interesse em representar a escola. Junto comigo foram mais duas colegas de sala.

Na reunião haviam muitos estudantes em torno de 250. Alguns já eram representantes de grêmios estudantis formados e expuseram os projetos que desenvolviam nas suas escolas. Além da exposição ocorreu a exibição de um vídeo com ações e projetos dos grêmios, o processo de organização e eleição de um grêmio estudantil dentro da escola. Este movimento me encantou, despertando a capacidade de sonhar, de idealizar projetos e ações dentro da escola. Foi o que encontrei como alimento para os sonhos, como espaço de valorização, idealização.

Após a reunião, na semana seguinte eu e as duas alunas levamos a proposta para a escola. Fomos, com muita dificuldade na comunicação, de sala em sala: organizamos a comissão pro-grêmio, montamos uma chapa encabeçada por mim como presidente e ganhamos a eleição.

No grêmio foram desenvolvidos diversos projetos com a comunidade: grafite no muro da escola, reforma e ampliação do prédio, construção de quadra de esportes, concursos, campeonatos. Com o grêmio me tornei popular e com três meses de participação me integrei à União Estudantil de Jandira ocupando a vaga na diretoria da entidade, como coordenador de grêmios.

Na coordenação de grêmios fui para diversas escolas do município ajudar a formar novos grêmios. No ano seguinte, período eleitoral, um dos coordenadores da União Estudantil de Jandira saiu candidato a vereador e apoiou o candidato a prefeito do Partido dos Trabalhadores (PT). Ajudamos a eleger o primeiro prefeito do PT no município de Jandira.

O movimento estudantil pautava e apontava a necessidade de políticas públicas para a juventude. Neste sentido um dos compromissos do prefeito eleito era criar uma gerência de juventude para promoção e desenvolvimento de políticas públicas para os jovens. Fui convidado a trabalhar na prefeitura de Jandira, neste gerenciamento de juventude. Porém, o cargo não foi criado e fui convidado para assumir uma vaga de *office boy*.

Mesmo trabalhando como *office boy* não deixei o movimento estudantil formando grêmios nas escolas. Diante da falta de interesse dos alunos pela leitura desenvolvi um projeto chamado “Ler e viver”, aprovado pelo Secretário Municipal de Educação de Jandira para ser desenvolvido nas escolas do município.

O projeto consistia em oficinas de incentivo à leitura: grupos de crianças passavam por tendas, primeiro ouvindo a história, depois indo para outras atividades trabalhando a história contada com técnicas de pintura, desenho, música, canto, artesanato. Como *office boy* fugia do meu serviço e ia para as escolas contar histórias. Por várias vezes fui ameaçado de ser demitido mas, permaneci no projeto e como *office boy* até 2004. Neste mesmo ano disputei as eleições concorrendo ao cargo de vereador obtendo 154 votos. O prefeito foi reeleito e em 2005 passei a desenvolver o projeto de leitura pela biblioteca municipal de Jandira.

Neste mesmo ano fui convidado por uma amiga a desenvolver um projeto de contação de história numa comunidade em uma área livre, com crianças e adolescentes no município de Jandira, mantendo o projeto de leitura da biblioteca. Fundei uma Organização Não Governamental chamada Portal Espaço Jovem e iniciei um movimento cultural denominado Movimento de Bandas de Rock.

Durante essa trajetória fiz alguns cursos como contador de história, participei de congressos estudantis, promovi fóruns, shows e encontros. Fui muito criticado, principalmente durante a realização dos projetos de leitura, por pedagogos, funcionários que compunham o quadro de supervisores de ensino coordenadores pedagógicos entre outros por não possuir nível superior.

Considero que meu percurso acadêmico se inicia a partir das críticas feitas a mim durante o período da realização do projeto de incentivo à leitura e contação de história e da necessidade de aperfeiçoar minha atuação, bem como compreender minha ação no mundo. O ingresso foi possível por meio do programa Universidade para Todos do governo federal (PROUNI). Ingressei no Centro Universitário FIEO, ano de 2006, na primeira turma no curso de Psicopedagogia (bacharelado) único do Estado de São Paulo.

Foi nesse curso que conheci o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) bem como a trajetória na construção das políticas públicas e o reconhecimento do público infanto-juvenil enquanto sujeito de direitos. Engajei-me no movimento pela infância e adolescência, candidatando-me ao Conselho Tutelar.

Na Psicopedagogia enveredei meu olhar para a compreensão do processo de aprendizagem destes sujeitos, constituída enquanto estratégia de sobrevivência, na articulação de idéias de autores como Fernandez, Andrade, Pain, Winnicot, Freud, Souza Neto entre outros. Durante a graduação, realizada por mim de 2005 a 2007, além

dos estágios práticos em Psicopedagogia Clínica e Institucional entrei em contato com práticas idealizadas na comunidade Vila Dolores Paschoalin no sentido de pensar o processo de aprendizagem de crianças e adolescentes em situação de risco.

Minha história de vida motivou a pesquisa aqui apresentada.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como objetivo identificar e analisar condições que favorecem o protagonismo juvenil. O problema de pesquisa proposto consiste no seguinte questionamento: pode um jovem tornar-se protagonista apesar da miséria, das dificuldades e das situações-limite que vive? Compreende-se, nesta pesquisa, situação-limite as que se caracterizam pelas dificuldades financeiras, materiais; privação de moradia, de alimento, de afeto; contexto de opressão, violência, abandono, falta de acesso à educação. Situações-limite são aquelas “que desafiam de tal forma a prática dos homens, que é necessário enfrentá-las e superá-las para prosseguir” (GADOTTI, 1996, p.130).

Tal problema foi construído enquanto necessidade de entender o movimento de pessoas que, vivendo situações-limite, conseguem superá-las. A motivação pessoal para o desenvolvimento desta pesquisa se deve à disseminação em torno do tema, assim como do desejo de compreender a escolha pessoal do campo de atuação na comunidade, especificamente na área da criança e do adolescente. Considera-se como hipótese que ação do sujeito no mundo, que se constrói gradualmente ao longo de sua história de vida, nas mais variadas relações do cotidiano, torna possível o protagonismo juvenil.

O interesse em estudar o atual contingente jovem brasileiro se dá por várias razões. Em primeiro lugar, pela sua magnitude. Está se falando de 34 milhões de brasileiros que tinham de 15 a 24 anos, de acordo com o Censo de 2000. Em segundo, por estarem esses jovens vivendo uma fase da vida permeada por intensas transformações biológicas, sociais e econômicas. Tal fase pode tanto se caracterizar por fragilidades, que resultarão em vulnerabilidades, como por potencialidades, dependendo das trajetórias de vida seguidas por eles. A condição juvenil, nas últimas décadas passou a ocupar o cenário social a partir das cifras da violência e criminalidade. Em 2000, do total de óbitos por homicídios, 40% ocorreram entre a população de 15 a 24 anos. Isso levou a que, aproximadamente, 4% dos jovens do sexo masculino não completassem o seu 25º aniversário devido a esse tipo de causa de morte, segundo o Ministério da Saúde. Essa associação configurou-se também como um eixo articulador de um conjunto de ações governamentais e não-governamentais voltadas à valorização dos direitos de diferentes segmentos da juventude brasileira. Dessa ótica, o

protagonismo passou a representar a solução, apontada por diferentes atores, para o sucesso das políticas de inclusão dos jovens. Em outras palavras, há no momento atual um debate que busca novos rumos para tornar a política de juventude capaz de contribuir para a criação de futuros projetos, planos e programas mais articulados com os jovens e suas necessidades (FERREIRA, 2010).

O contexto mundial atual de reestruturação sócio-econômica e flexibilização de fronteiras nacionais tem acarretado situações de vulnerabilidade crescente para os jovens, abrindo campo para a discussão, elaboração e implementação das chamadas políticas públicas de juventude. Muitas dessas políticas buscam maior efetividade preconizando para isso a participação dos jovens nos projetos e programas sociais que vão sendo desenhados. Desenvolve-se cada vez mais a noção de que a legitimação das políticas e dos espaços de garantia de direitos depende da adesão dos jovens de diferentes segmentos sociais e da qualidade de sua participação (BOGHOSSIAN e MINAYO, 2009).

De acordo com a literatura, protagonistas são agentes de mudanças, atores estratégicos de desenvolvimento (UNESCO, 2005). Para Costa (2000, p. 126), “o protagonismo juvenil é uma forma de reconhecer que a participação dos adolescentes pode gerar mudanças decisivas na realidade social, ambiental, cultural e política em que estão inseridos”. Essa concepção, que projeta a noção de protagonismo como elemento de mudança, é consenso entre pesquisadores (SOUZA, 2008).

Em sua origem etimológica, a palavra protagonista significa em língua portuguesa prôtos - primeiro e agōniste – lutador (dos jogos públicos). A noção transmite a idéia do sujeito como ator principal de um espaço público. Aponta ainda para a personagem principal de uma peça dramática. Nesse caso, o protagonista seria a pessoa que desempenha ou ocupa o primeiro lugar em um acontecimento (FERREIRA, 2010).

Vagamente definida, a expressão começou a circular no discurso político brasileiro a partir do final do século XX. Em alguns momentos, a noção de protagonismo parece se referir a um método, um princípio ou eixo pedagógico cuja ênfase na atividade do jovem, a quem se dirigem as medidas sócio-educativas, o deslocaria de uma posição considerada passiva, de mero beneficiário, para uma posição de participação ativa. Outras vezes, a noção parece designar certa capacidade intrínseca ao jovem, a de ser protagonista no desenvolvimento do País, da comunidade em que

vive e do seu próprio crescimento. Mas vale ressaltar que a imprecisão do termo não é um fator de debilidade do discurso, mas uma importante estratégia na fabricação do consenso que a noção articula e desenvolve (FERREIRA, 2010).

Frente ao propósito de estudar as condições promotoras do protagonismo juvenil tendo como pano de fundo as vulnerabilidades e potencialidades que caracterizam a juventude atual, propôs-se a organização deste texto em capítulos. O primeiro capítulo coloca a definição do conceito juventude. No segundo capítulo discute-se a noção de protagonismo, explicitando o contexto histórico e social que envolve o conceito citado. No capítulo seguinte apresenta-se o método, descrevendo as opções metodológicas adotadas e os instrumentos utilizados para a coleta de dados. No quarto capítulo são apresentados os resultados e a discussão. Em seguida estão as considerações finais, referências e os anexos.

1. SOBRE O DESENVOLVIMENTO HUMANO

Antes de conceituar as principais categorias apresentadas neste trabalho, jovem e protagonismo juvenil, importa definir qual a visão de homem e de mundo iluminará esta pesquisa. O sujeito postulado pela Psicologia sócio-histórica é produto do desenvolvimento de processos físicos e mentais, cognitivos e afetivos, internos, constituídos na história anterior do sujeito, e externos, referentes às situações sociais de desenvolvimento em que o sujeito está envolvido. Para a Psicologia sócio-histórica, é na interação dialética entre os vários planos genéticos que se dá a constituição do sujeito singular.

Desde o princípio da vida, o desenvolvimento humano dá-se pela interação com o meio. Ao nascer, a sobrevivência da criança depende completamente das pessoas que a cercam. A interpretação dos movimentos e expressões emotivas da criança permite ao adulto satisfazer suas necessidades físicas e afetivas. Enquanto cresce, em contato e em trocas com o mundo, com pessoas e objetos, a criança recebe uma gama de estímulos que propulsionam seu desenvolvimento físico, emocional e cognitivo. Para Vygotsky (1989), pela interação social, a criança tem acesso aos modos de pensar e agir correntes em seu meio. A cultura compartilha as formas de raciocínio, as diferentes linguagens (como a língua, a música, a matemática), tradições, costumes, emoções e muito mais. A utilização de instrumentos é uma característica essencialmente humana que possibilita maior domínio do meio e o desenvolvimento de habilidades específicas para utilizá-lo. Os signos elaborados pela cultura servem como instrumentos intelectuais que exigem do homem e lhe possibilitam uma diferenciação do pensamento em relação aos animais.

Um dos pontos cruciais do desenvolvimento humano, que altera o curso de seu pensamento, é a conquista da fala. De início, quando a criança profere sons e sílabas sem significado, a fala tem uma função afetivo-conativa, afirma Vygotsky (2005); e a inteligência da criança é de tipo prático. Embora pensamento e fala tenham caminhos de desenvolvimento parcialmente diferentes, em determinado momento seus percursos se encontram mais efetivamente, o que permite a construção do pensamento verbalizado e da fala intelectual. A linguagem, esse sistema de signos historicamente construído, possibilita uma forma de pensamento qualitativamente muito superior àquele anterior na criança. As emoções, assim como o pensamento, podem evoluir de um nível inferior para outro superior, mais complexo, transformando-se em sentimentos de acordo com a valorização das mesmas na sociedade.

O desenvolvimento de formas superiores de pensamento ou de comportamento é possível, portanto, no processo de internalização da cultura. Os signos, significados, sentimentos, instrumentos são compartilhados pelos sujeitos e transmitidos através das gerações. Vygotsky (1989, p.63) chama de internalização “a reconstrução interna de uma operação externa” por meio de uma série de transformações. Um processo interpessoal torna-se intrapessoal; uma atividade interpsicológica torna-se intrapsicológica.

Assim, analiticamente falando, comportamento e conhecimento são, primeiramente, externos ao sujeito para tornar-se internos. A língua, a moral, as regras, os costumes, enquanto constructos sociais, encontram-se inicialmente fora do indivíduo: “A internalização das atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas constitui o aspecto característico da psicologia humana; é a base do salto qualitativo da psicologia animal para a psicologia humana.” (VYGOTSKY, 1989, p.65).

Esse processo, contudo, não reproduz indivíduos idênticos, pois há outros fatores em questão. Vygotsky (2004) diz que não se impõe nada, que não é possível mudar o outro, mas é a própria pessoa que modifica suas reações inatas pela experiência com os objetos do mundo. Reconhecer a total impregnação social da experiência humana não significa reconhecer o homem como um autômato e negar-lhe qualquer importância. Por isso a fórmula já referida, que se propõe prever o comportamento do homem com precisão matemática e libertá-lo das reações hereditárias do organismo e de todas as influências do meio, era em um momento essencial: ela não leva em conta a infinita complexidade da luta que se desenvolve no interior do organismo e nunca permite que se calcule e se liberte de antemão o comportamento do homem, que não se manifesta senão no desfecho dessa luta. O meio não é algo absoluto, exterior ao homem. Não se consegue nem sequer definir onde terminam as influências do meio e começam as influências do próprio corpo. (VYGOTSKY, 2004).

2. JOVEM E JUVENTUDE: DEFININDO CATEGORIAS

La juventud como hoy la conocemos es propiamente una ‘invención’ de la posguerra, en el sentido del surgimiento de un nuevo orden internacional que conformaba una geografía política en la que los vencedores accedían a inéditos estándares de vida e imponían sus estilos y valores. La sociedad reivindicó la existencia de los niños y los jóvenes, como sujetos de derecho y, especialmente,

en el caso de los jóvenes, como sujetos de consumo.
(Reguillo, 2000, p.23).

Para a análise das condições que favorecem o protagonismo juvenil é necessário, inicialmente, conceituar os termos jovem e juventude como categorias sociais, pessoas vivendo em sociedade, compartilhando adversidades, benefícios e esperanças. Considera-se que os conceitos jovem e juventude passam necessariamente por seu enquadramento histórico, na medida em que estas categorias são construções que respondem a condições sociais específicas que se deram com a emergência do capitalismo.

Jovem e juventude têm sido categorias sociais exaustivamente estudadas e constantemente redefinidas. Spósito (1997) reconhece que a própria definição da categoria juventude encerra um problema sociológico passível de investigação, na medida em que os critérios que a constituem enquanto sujeitos são históricos e culturais. Para Cardoso e Sampaio (1995) essa etapa pode ser marcada tanto por fatores biopsicológicos como por rituais de passagem, de mudança de *status* e ingresso em esferas específicas, como o mercado de trabalho, a constituição de família, o pertencimento a grupos etc. A juventude não é um “dom” que se perde com o tempo, e sim uma condição social com qualidades específicas que se manifesta de diferentes maneiras segundo as características históricas sociais de cada indivíduo (BRITO, 1996).

Define-se a juventude como fase de transição da infância para a vida adulta (RIBEIRO, 2004); por especificidades fisiológicas e psicológicas (COIMBRA e NASCIMENTO, 2003); pelas atividades às quais se dedicam os jovens, como educação e trabalho (COSTA, 2006); por características e atitudes, tais como criatividade e rebeldia (NOVAES, 2006); como período de exposição a condições de agravo à saúde " drogas, gravidez precoce, violência (BERQUÓ, 1999) e, finalmente, por um duplo papel social: o de "motor" de mudanças na sociedade e o de desagregação de valores e estruturas tradicionais (ABRAMO, 1997).

O recorte de jovem a partir de uma faixa etária específica como período de transição entre a adolescência e o mundo adulto se estabelece como a mais recorrente a partir da Conferência Internacional sobre Jovem, Conferência de Grenoble, em 1964 (WEISHEIMER, 2004). A Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) definiu juventude, pela primeira vez, em 1985 na ocasião do Ano Internacional

da Juventude. Ao subscrever as diretrizes para as ações futuras e o acompanhamento desse subgrupo populacional, a Assembléia considerou como jovens as pessoas entre 15 e 24 anos de idade, sem prejuízo de outras definições de Estados membros. O entorno etário escolhido é baseado em fundamentos apropriados, pois as entradas e saídas dessa fase coincidem com importantes períodos de transição no ciclo de vida. O limite inferior considera a idade em que já estão desenvolvidas as funções sexuais e reprodutivas, que diferenciam o adolescente da criança e repercutem na sua dinâmica física, biológica e psicológica. O limite superior diz respeito ao momento em que os indivíduos normalmente concluem o ciclo da educação formal, passam a fazer parte do mercado de trabalho e constituem suas próprias famílias, caracterizando assim, de forma simplificada, a transição para a fase adulta. (CAMARANO, et al , 2004) . Segundo Souza, (2008, p.3) a partir destas ações são publicados nos anos 1990 “dezenas de documentos, resultantes, inclusive, de fóruns, seminários e encontros” estabelecendo programas de ação, diretrizes e medidas, configurando o campo das chamadas políticas públicas de juventude para os países membros, em especial para os países subdesenvolvidos da América Latina.

Embora juventude seja designada para fins demográficos e de elaboração de políticas públicas como uma faixa etária determinada, sua definição tem ocorrido por parâmetros variados, estreitamente relacionados à significação social que assume em cada contexto e tempo histórico. Na visão clássica, juventude é entendida como uma categoria social gerada por tensões inerentes à crise do sistema (GONÇALVEZ, 2005). Esta visão acentua o conflito político, o engajamento do jovem nas lutas sociais e políticas, nos movimentos estudantis e a participação juvenil e coletiva em busca de um mundo melhor. Premidas nos anos de 1920 pelas lutas das gangues, nos anos de 1950 pela explosão demográfica nas cidades e mais recentemente pelos elevados índices de disseminação das doenças sexualmente transmissíveis, as ciências humanas privilegiaram o exame da juventude sob a ótica do negativismo.

Os levantes populares, principalmente os ocorridos em meados do século XX, foram saudados como rupturas contra regimes opressivos e injustos e como pontos de partida para a construção de sociedades socialistas, em que as desigualdades seriam eliminadas. Em todos eles, os jovens tiveram papel de destaque, principalmente na Revolução Cubana (1959) e na dos Cravos (1974), em Portugal. No Brasil, foi

expressiva a participação juvenil contra o Golpe do Regime Militar nos anos entre 1960 e 1970.

Paulatinamente, porém, as promessas de mudanças redentoras se tornaram falsas e a desilusão com a política foi se tornando mais acentuada. Essa desilusão e o enfraquecimento de movimentos populares mais consistentes provocaram significativas mudanças econômicas e sociais. Aos poucos, solidifica-se a globalização neoliberal, no bojo da qual, as fronteiras nacionais deixaram, cada vez mais, de ser barreiras às trocas comerciais e aos fluxos de capitais. Acentua-se a competição, o individualismo e a necessidade de empreendimentos personalizados e, muitas vezes, solitários.

Estas condições de subsistência, do aumento da criminalidade, a mortalidade dos jovens criaram a necessidade de situar o jovem, não mais como problema menor, radical, mas enquanto “protagonistas de mudanças, atores estratégicos de desenvolvimento” (SOUZA, 2008, p.102). Neste sentido “sob a ótica do desenvolvimento humano, os documentos internacionais passaram a recomendar a integração econômica da juventude como meio, até mesmo de assegurar a coesão social (SOUZA, 2008, p.48).

Nesta pesquisa a categoria jovem será pensada à partir da articulação entre processo psicossocial e práticas sociais nas quais o mencionado processo se realiza, com fundamentos em fatores culturais e socioeconômicos. A importância desta perspectiva reside substancialmente na tentativa de ampliar a visão sobre o ator, incorporando a variável sociocultural à demográfica e à psicológica. Este olhar permite reconhecer a heterogeneidade do jovem a partir das diversas realidades cotidianas nas quais se desenvolvem as distintas juventudes. Desta maneira, assume que o jovem tem as necessidades humanas básicas e outras específicas, motivo pelo qual faz-se necessário reconhecer tanto a realidade presente dos jovens como sua condição de sujeitos em preparação para o futuro.

3. O CONCEITO DE PROTAGONISMO JUVENIL

O protagonismo juvenil é uma forma de atuação com os jovens, a partir do que eles sentem e percebem da sua realidade. Não se trata de uma atuação para os jovens, muito menos de uma atuação sobre os jovens. Portanto, trata-se de uma postura pedagógica visceralmente contrária a qualquer tipo de paternalismo, assistencialismo ou manipulação. (Costa, 2006, p. 23)

De acordo com a literatura (FERRETTI, ZIBAS, TARTUCE, 2004; SOUZA, 2008; STAMATO, 2008;) o termo protagonismo surge como um conceito vago e fluido, que se molda a diferentes referenciais teóricos e metodológicos sendo multifacetado, carregado de significado pedagógico e político (FERRETTI, ZIBAS, TARTUCE, 2004). A concepção que estruturou o conceito protagonismo na sociedade, nos meios acadêmicos e em outros espaços, enquanto matriz discursiva, define “os

atores que configuraram as ações de um movimento social” (Gloria GOHN, 2008, p.9).

Touraine define ator social como:

homem ou a mulher que intenta realizar objetivos pessoais em um entorno constituído por outros atores, entorno que constitui uma coletividade à qual ele sente que pertence e cuja cultura e regras de funcionamento institucional faz suas, ainda que apenas em parte. Ou, dito com palavras mais simples, são necessários três ingredientes para produzir um ator social: objetivos pessoais, capacidade de comunicar-se e consciência de cidadania. (TOURAINÉ, 1998, p. 5)

A partir dessa idéia, seu enunciado passa a ser apresentado como via de condução pedagógica para a ação cidadã (COSTA, 2006) ou de socialização para a cidadania (FERRETTI, ZIBAS, TARTUCE, 2004) ou um novo modelo político-pedagógico (BOGHOSSIAN e MINAYO, 2009) que “prescreve um certo modelo de participação política, não só para a juventude, mas para todo o segmento da sociedade” (SOUZA, 2008, p.15). Para Souza (2008, p.19) o protagonismo é “um mecanismo de ajustamento e integração do indivíduo, transformando-o no responsável pela manutenção da vida e pela sua inserção numa sociedade que não lhe oferece segurança e garantias”.

O protagonismo pode ser definido como uma ação, uma prática para a transformação ou para a adaptação do sujeito no mundo. Tal concepção pode servir à adaptação do sujeito às perversas condições da atual ordem socioeconômica consolidando-se num mero ativismo social acrítico e psicologicamente compensatório que pode encaminhar a promoção de valores, crenças e ações etc., de caráter mais adaptativo do que problematizador (FERRETTI, ZIBAS, TARTUCE, 2004). Para Souza (2008, p.16) protagonismo é um termo que “homogeneíza o social na medida em que oculta a divisão de classe ou quaisquer outras: a sociedade seria composta por átomos, entre os quais não haveria relação de dominação, de poder ou de exploração, mas de negociação”. Para este autor (SOUZA, 2008) “o significado de protagonismo encontrado nos discursos oficiais, originais, nas instâncias políticas, cidadãos ora se confunde com participação, autonomia, ora é tido como sinônimo de ator social” (SOUZA, 2008p. 36).

Souza Neto (2010, p.9) considera que “o protagonismo não é uma lei e nem é uma burocracia. É o agir humano, a capacidade de escolher, de decidir, dentro de uma circunstância dada”. Costa (2006, p.9), um dos poucos autores a tratar da relação

protagonismo/ educação formal no Brasil, utiliza o termo protagonismo para designar “a participação de jovens no enfrentamento de situações reais na escola, na comunidade e na vida social mais ampla”, concebendo-o como um método de trabalho cooperativo, fundamentado na pedagogia ativa cujo foco é a criação de espaços e condições que propiciem ao jovem empreender ele próprio a construção de seu ser em termos pessoais e sociais. Nessa perspectiva, o autor atribui ao professor basicamente as funções de orientador, mais do que a de divulgador de conteúdos disciplinares, e situa o aluno no centro do processo educativo.

Novaes e Abramo (2000) relatam e analisam uma experiência de ação social organizada por jovens, mas não usam o termo protagonismo, e sim participação social, intervenção social, ação solidária, relacionando essas expressões à socialização para a cidadania. Assim, parece que a ação cidadã e/ou a preparação para tal tipo de ação constituem a origem semântica que une as diferentes expressões utilizadas para nomear e discutir o envolvimento de jovens em seu contexto escolar, social e/ou político. Outra noção de que partilham diversos autores quanto ao sentido do protagonismo é o de que este, tal como o concebem, não deve ser confundido com o discurso de caráter preventista que se apresenta como

[...] antecipação a comportamentos indesejáveis... [apoiando-se] sobre uma identificação negativa dos problemas dos adolescentes: prevenção do delito, da gravidez, da prostituição. Previne-se uma enfermidade ou um desvio. [Tal discurso procuraria ainda] exorcizar a sensação de não previsibilidade e, às vezes, de medo, que os adolescentes suscitam [...] indiferentes às queixas ou pedidos gerais dos adultos. (KONTERLINK, 2003, p.1)

Escámez e Gil (2003) enfatizam a formação para a assunção da responsabilidade individual e social como elemento da formação ético-moral e cidadã dos jovens e adolescentes. Para Costa (2006), dado o ambiente em que se movem os jovens,

[...] a proposta de protagonismo juvenil com que trabalhamos [...] pressupõe um novo modelo de relacionamento do mundo adulto com as novas gerações. Esse relacionamento baseia-se na não imposição a priori aos jovens de um ideário em função do qual eles deveriam atuar no contexto social. Ao contrário, a partir das regras básicas do convívio democrático [demarcado pela cidadania assentada no diálogo], o jovem vai atuar, para em algum momento de seu futuro posicionar-se politicamente de forma mais amadurecida e lúcida, com base não só em idéias, mas, principalmente, em suas experiências e vivências concretas em face da realidade. (COSTA, 2006, p.26)

A concepção de protagonismo está fortemente associada a ações de caráter social, próprias de instituições da sociedade civil, principalmente as envolvidas com a pobreza (ONGs, instituições religiosas, grupos comunitários etc.). Seu caráter não é definido necessariamente pelo local de atuação, mas pelos objetivos e formas de ação.

Nesta análise sobre a estruturação do significado multifacetado de protagonismo há textos que tratam especificamente do tema, da definição do conceito de protagonismo, bem como dos métodos necessários para estimular e assegurar a ação protagônica. Descrevem possíveis situações em que o sujeito é ou pode se tornar protagonista, porém sem tratar como tema central, até podem dar uma breve definição ao significado de protagonismo. Stamato (2008) e Ferretti, Zibas, e Tartuce (2004) apontam a necessidade de revisão, ressignificação do conceito, subsidiando-o metodologicamente dos meios necessários para a melhor compreensão do seu significado, assim como sua disseminação no contexto social e político. Apontam para a necessidade de subsídios teóricos e metodológicos, para desbastar os viés ideológicos desse inferno semântico (FERRETTI, ZIBAS, E TARTUCE, 2004).

A perspectiva do protagonismo assumida nesta pesquisa é a de contribuição para a construção de uma nova cultura, uma nova organização social, uma educação transformadora, problematizando estratégias para transformar a ordem de dominação na busca de uma reforma moral.

4. MÉTODO

4.1. PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa seis pessoas escolhidas por conveniência, a partir dos seguintes critérios de inclusão:

- a) idade entre 19 e 40 anos;
- b) ter vivenciado em sua história situações-limite: dificuldades de ordem econômica e/ou psicológica;
- c) ter superado as dificuldades;
- d) aceitar participar da pesquisa;
- e) assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

4.1.1 Os protagonistas

Igor: rapaz de 33 anos, funcionário público casado que cursava graduação em Pedagogia e trabalhava como contador de histórias em biblioteca por ocasião da pesquisa. Filho de família pobre, com pai alcoólatra conta que sofreu maus tratos durante a infância.

José: com 27 anos é casado pai de uma menina. Bacharel em Psicopedagogia atuava, por ocasião da pesquisa junto a adolescentes infratores no cumprimento de medidas socioeducativas. De origem humilde, morou em favela e sofreu maus tratos na infância, promovidos pelo pai alcoólatra.

Maria: jovem com 25 anos, casada, bacharel em Psicopedagogia cursava a segunda graduação por ocasião da pesquisa. Trabalhava com adolescentes infratores no cumprimento de medidas socioeducativas. Família simples, adolescência questionadora teve uma relação familiar tranqüila.

Jéferson: 30 anos, casado e com uma filha, Pedagogo por formação atuava na prefeitura do município em que morava. Oriundo de família pobre começou a trabalhar desde 11 anos para ajudar em casa.

Vanice: 35 anos, solteira graduada e Mestre em Serviço Social trabalhava na área de formação por ocasião da pesquisa. Infância normal, ressentido-se da falta de convívio familiar.

Janaina: filha de dois adolescentes (pai com 18 anos e mãe com 14) passou por dificuldades financeiras na infância. Ficou viúva muito jovem, com filho e reconstruiu sua vida conjugal. Aos 37 anos, casada e mãe, cursava Mestrado em Psicologia após a graduação em Psicopedagogia.

4.2. INSTRUMENTOS

Foram utilizados dois instrumentos para a coleta de dados: entrevista semiestruturada e questionário sociodemográfico. A entrevista teve como roteiro geral os seguintes pontos: relato sobre história de vida e concepção pessoal sobre o conceito protagonismo.

4.3. PROCEDIMENTOS

4.3.1. Coleta de dados

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição promotora. Após sua aprovação foi selecionada amostra de conveniência composta por seis participantes. Os dados foram coletados pelo próprio pesquisador em encontros individuais. Após a explanação dos objetivos e justificativa da pesquisa bem como dos procedimentos os participantes que concordaram em participar assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas ocorreram em dia, horário e local previamente agendado, foram gravadas e posteriormente transcritas.

4.3.2. Análise dos dados

Os dados quantitativos foram analisados pela estatística descritiva e os dados qualitativos pela técnica da análise de conteúdo. Para compreender mais profundamente o conteúdo verbal pertinente às entrevistas e às sessões desta pesquisa, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo. De acordo com Franco (2012), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens levando em consideração que a análise de conteúdo,

[...] parte de uma literatura de primeiro plano para atingir um nível mais aprofundado: aquele que ultrapassa os significados manifestos. (...) Articula a superfície dos textos descrita e analisada com fatores que determinam suas características: variáveis psicossociais, contexto cultural, contexto e processo de produção de mensagens. (MINAYO, 1996, p.203).

A análise de conteúdo foi realizada tendo em vista o conteúdo verbal das entrevistas possibilitando ao pesquisador entrar em contato com o universo subjetivo, simbólico e afetivo presente nesta linguagem. Buscou-se analisar os significados explícitos e implícitos nas entrelinhas da comunicação entre participantes e pesquisador.

A organização da análise de conteúdo partiu de dois segmentos cronológicos: a exploração do material e a interpretação dos resultados. A exploração do material consistiu em uma fase longa com procedimentos de codificação que permitiram estabelecer um panorama de resultados com base em diagramas (quadros) os quais condensaram as informações fornecidas para a análise (BARDIN, 2009). A codificação se deu em três passos: 1) o recorte (escolhas das unidades de análises); 2) a identificação dos temas que emergiram dos discursos; 3) a classificação e a agregação (escolha das categorias). A escolha de categorias aconteceu em duas etapas: 1) o inventário, que consistiu em isolar os elementos, isto é, separar os diferentes temas e a 2) classificação, que consistiu em repartir os elementos ou, em outras palavras, organizar os temas analisados (BARDIN, 2009).

Foi definida como unidade de análise os depoimentos do participantes registrados nos encontros, mensagens verbais audiogravadas.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1. CARACTERÍSTICAS SÓCIODEMOGRÁFICAS DOS PARTICIPANTES

Para análise das características sociodemográficas foram conduzidas análises descritivas usando o pacote estatístico SPSS – Statistical Package for Social Sciences, versão 13.0. A análise descritiva inicial teve por finalidade evidenciar características dos participantes da pesquisa quanto ao sexo, faixa etária, escolaridade, estado civil, situação de moradia, faixa salarial e presença de filhos. A tabela a seguir apresenta a distribuição dos participantes por sexo.

Tabela 1.

Análise descritiva em relação ao sexo dos participantes

Sexo	N	%
Feminino	3	50
Masculino	3	50
Total	6	100

Fonte: Participantes

Os participantes dividem-se igualmente entre os dois sexos. Embora não tenha sido intencional essa situação parece favorecer uma análise das condições para o protagonismo juvenil de ambos os sexos.

Tabela 2.

Análise descritiva em relação à faixa etária dos participantes

Faixa etária	N	%
20 a 29	2	33,4
30 a 39	4	66,6
Total	6	100

Fonte: Participantes

A tabela 2 demonstra a distribuição dos participantes por faixa etária. A faixa etária de 30 a 39 anos foi a de maior prevalência com N = 4 que representa 66,6% dos participantes. A idade média foi de 31,33 anos ($DP= 3,2$) e o intervalo entre as idades

dos participantes foi de sete anos. A próxima tabela descreve a escolaridade dos participantes.

Tabela 3.

Análise descritiva em relação à escolaridade dos participantes

Escolaridade	N	%
Ensino superior (cursando)	1	16,6
Ensino superior completo	3	50,2
Mestrado (cursando)	1	16,6
Mestrado	1	16,6
Total	6	100

Fonte: Participantes

A distribuição evidenciada na tabela 3 mostra que todos os participantes (N=6) cursaram o ensino superior. Apenas um deles estava ainda em curso, por ocasião da pesquisa. A alta taxa de escolaridade da população estudada não reflete a situação do Brasil: cerca de metade da população brasileira (49,3%) com 25 anos ou mais de idade não tinha instrução ou apresentavam o ensino fundamental incompleto em 2010, sendo que apenas 10,8% das pessoas nessa faixa etária, tinham diploma universitário (IBGE, 2010).

A tabela 4 mostra a distribuição dos participantes em relação ao estado civil.

Tabela 4.

Análise descritiva em relação ao estado civil dos participantes

Estado Civil	N	%
Solteiro	1	16,6
Casado	5	83,4
Total	6	100

Fonte: Participantes

Os participantes da pesquisa quase na sua totalidade, 83,4%, eram casados por ocasião da coleta dos dados (N=5). Essa proporção é mais elevada do que a taxa de nupcialidade da população brasileira na faixa etária dos participantes. Segundo os

dados do Censo de 2010, 23,2% dos brasileiros com idade entre 30 e 33 anos eram casados (IBGE, 2010).

A tabela 5 apresenta a situação dos participantes em relação à presença de filhos.

Tabela 5.

Análise descritiva em relação à presença de filhos.

Filhos	N	%
Sim	3	50
Não	3	50
Total	6	100

Fonte: Participantes

Tabela 6

Análise descritiva em relação à faixa salarial

Faixa salarial	N	%
Até 2 salários mínimos	1	16,6
Entre 2 e 4 salários mínimos	5	83,4
Total	6	100

Fonte: Participantes

5.2 CONDIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DO PROTAGONISMO JUVENIL

A partir da realização da análise de conteúdo dos depoimentos coletados os seguintes temas surgiram: infância, adolescência, relacionamento pessoal e experiência profissional. Foram então levantadas, *a posteriore*, três categorias teóricas que

emergiram dos discursos dos participantes: Afetividade, Aprendizagem e Arte. Essas categorias apontam na direção das condições favoráveis encontradas pelos participantes desta pesquisa para tornarem-se protagonistas.

5.2.1 Protagonismo juvenil e Afetividade

A categoria teórica afetividade surgiu no discurso dos pesquisados após a análise de conteúdo sistematizado conforme quadro (Anexo1). A afetividade nesta pesquisa toma como base os pressupostos da teoria sócio-histórica tendo como principais autores Wallon e Vigotsky. A afetividade para Wallon (1995) refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo interno e externo por meio de sensações agradáveis ou desagradáveis e tem sua origem nas sensibilidades internas de interocepção (ligadas às vísceras) e de propriocepção (ligadas aos músculos), que são responsáveis pela atividade generalizada do organismo. Essas sensibilidades, junto com as respostas dos outros do seu entorno, sensibilidade de exterocepção (ligada ao exterior), vão provocando sentimentos e emoções cada vez mais específicos: medo, alegria, raiva, posteriormente ciúmes, tristeza, etc.

Wallon (1995) considera a afetividade como um domínio funcional tão importante quanto a inteligência, cujo desenvolvimento é dependente da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Entre esses dois fatores existe uma relação estreita, tanto que as condições medíocres de um podem ser superadas pelas condições mais favoráveis do outro. Parece ter sido assim com José:

Meu pai era alcoólatra, minha mãe era doente, tinha problemas de saúde...eu apanhava do meu pai por que queria soltar pipa, jogar bola. Meu pai fazia “bicos” de final de semana e queria todos ajudando, gastava tudo com pinga, então na verdade a gente fugia um pouco disso e era massacrado, apanhava de todos os meus tios. Era esta a forma de demonstrar preocupação e carinho. Sempre moramos em favela, e passamos por muitas dificuldades. Tinha dia que a gente nem conseguia se alimentar.(José).

Ao longo do desenvolvimento do indivíduo, esses fatores, orgânico e social, em suas interações recíprocas modificam tanto as fontes de onde procedem as manifestações afetivas, quanto as suas formas de expressão. A afetividade que

inicialmente é determinada basicamente pelo fator orgânico passa a ser fortemente influenciada pela ação do meio social.

Wallon (1995) defende uma evolução progressiva da afetividade, cujas manifestações vão se distanciando da base orgânica, tornando-se cada vez mais relacionadas ao social. Em outras palavras, afetividade é o termo utilizado para identificar um domínio funcional abrangente e, nesse domínio funcional, aparecem diferentes manifestações: desde as primeiras, basicamente orgânicas, até as diferenciadas como as emoções, os sentimentos e as paixões. Na obra walloniana, afetividade e inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois, embora tenham funções bem definidas e diferenciadas entre si, são interdependentes em seu desenvolvimento, permitindo à criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados. A afetividade, assim como a inteligência, não aparece pronta nem permanece imutável. Ambas evoluem ao longo do desenvolvimento; são construídas e se modificam de um período a outro, pois, à medida que o indivíduo se desenvolve, as necessidades afetivas se tornam cognitivas.

Vygotsky (1989) afirma que a experiência emocional da criança em relação ao meio social é decisiva no curso de seu desenvolvimento psicológico, pois determina o tipo de influência que a situação ou o meio terá sobre ela. Não é um fator em si que influencia o curso do desenvolvimento da criança, mas os diversos fatores refratados pelo prisma da experiência emocional da criança (VYGOTSKY, 1989). O relato de Igor exemplifica o exposto:

Minha infância foi um pouco conturbada, tive problemas com meu pai, ele era alcoólatra.. Eu sofria com a agressividade, meu pai me espancava, eu tive uma infância muito conturbada. Na adolescência encontrei muitas pessoas pelas quais acabava tendo afeto, um afeto familiar, e tive sorte de encontrar algumas pessoas que tinham uma mentalidade, um conceito de vida legal e acabaram me influenciando, acabei tendo elas como espelho. Estas pessoas eram trabalhadores comuns, que estavam no meu entorno, mães de família. Pessoas com as quais criei vínculo de amizade, que me aconselhavam, me indicavam alguns caminhos. Então na verdade eu fui chegando num determinado ponto, fui vendo algumas pessoas que viviam ali ao redor, alguns amigos, e fui vendo o que eu não queria, muitas coisas não se enquadravam comigo, queria ir mais além, uma busca dentro de mim por um processo melhor, por condições melhores, por sonhos melhores, eu não me contentava com aquilo. (Igor)

O enfrentamento dos problemas da juventude a partir de uma base coletiva que se constrói em torno da família, indica a possibilidade de que, nos centros urbanos, o

jovem incorpore amigos e conhecidos que se agregam ao longo das histórias de vida. Mas a centralidade dos valores familiares, amplamente reconhecida, sugere a possibilidade de que essas relações tenham um fio condutor: as relações de parentesco. Verifica-se essa questão no depoimento seguinte:

A dificuldade financeira era uma coisa que a gente tinha que superar para sobreviver. Qual a forma que a gente tinha, para isso? Tinham vários caminhos, eu poderia ter escolhido entrar para o tráfico. Mas os valores que a família passava foram fundamentais para estas escolhas. Independentemente da questão, seguíamos o caminho correto poder superar as dificuldades. (Jéferson)

Segundo Souza Neto (2002) não se aprende pela simples experiência, mas numa relação de confiança, de amizade, de crédito que se estabelece com o outro. Tal movimento só poder ser desencadeado na mediação do sujeito com o objeto de conhecimento e com o outro por meio do afeto. O depoimento de Maria confirma essa afirmação:

Muitos amigos influenciaram minha vida, mas acho que as pessoas que estiveram mais próximas e que me ajudaram neste processo, eram da minha família. Apesar dos conflitos, das diferenças, dos diferentes olhares para a vida, minha mãe e meu pai tiveram influência muito forte nas minhas escolhas. (Maria)

Wallon (1995) identifica a relação entre a inteligência e uma das manifestações da afetividade: a emoção. Para Wallon (1995), emoção é a exteriorização da afetividade, ou seja, é a sua expressão corporal, motora que tem um poder plástico, expressivo e contagioso; é o primeiro recurso de ligação entre o orgânico e o social e estabelece os primeiros laços com o mundo humano e através dele com o mundo físico. A relação entre a inteligência e emoção é de caráter dialético, pois, se por um lado, não existe nada no pensamento que não tenha surgido das primeiras sensibilidades, por outro lado, a luz da razão dá às sensibilidades um novo conteúdo. Concebê-las como elementos estanques é incorrer no erro antigo da separação corpo e alma, pois “entre as duas não param de desenrolar ações e reações mútuas que mostram como vão as distinções de espécies que os diferentes sistemas filosóficos fazem entre matéria e pensamento, existência e inteligência, corpo e espírito” (WALLON, 1963, p. 65).

Entre a emoção e a atividade intelectual existe interdependência, mas também oposição, pois, ao mesmo tempo em que ambas estão presentes na unidade do desenvolvimento, a emoção se esvai diante da atividade intelectual (WALLON, 1963). Na vida, freqüentemente, os jovens são surpreendidos pelos surtos emotivos que os tornam incapazes de perceber a situação à sua volta de modo a reagir de maneira corticalizada. Nesses momentos, há ausência de interconexão entre a emoção e a razão, ou seja, não se dispõe de estado de equilíbrio entre ambas, pelo menos por um determinado tempo, prevalecendo os surtos emocionais. Estados de serenidade são intercalados por crises emotivas, sendo que a intensidade dos contornos de cada um desses momentos depende de como cada indivíduo integra a relação emoção e inteligência como base de construção do protagonismo. O depoimento de Janaina pode ilustrar esta questão:

Minha mãe me teve com 14 anos, por isto fui criada um pouco por cada membro da família. Meu pai não me dava atenção por que era garotão, tinha 18 anos. O que mais marcou a minha vida foi a falta de dinheiro, minha mãe e meu pai nunca tiveram um emprego fixo, passávamos muita necessidade em casa, cheguei até passar fome, então, os parentes ajudavam. Eu tinha uma revolta interna contra minha mãe, minha família e por isto eu não obedecia ninguém.
(Janaína)

Para Wallon (1995), a emoção organiza a vida psíquica inicial e antecede as primeiras construções cognitivas. A gênese da cognição está, para Wallon (1995), nas primeiras emoções, as quais, por sua vez, estão diretamente ligadas ao desenvolvimento do tônus (aspecto orgânico). O mesmo autor define o desenvolvimento como a passagem do eu orgânico ao eu psíquico, pela via das primeiras emoções que são, em essência, o instrumento para a interação com o outro, antes que a cognição seja construída. Assim, as emoções permitem, no início da vida, a construção dos conhecimentos sobre o mundo e a construção da personalidade. Em obra clássica sobre o desenvolvimento psicológico (Wallon, 1995), o autor apresenta o que considera como a seqüência do desenvolvimento quanto à construção da pessoa a partir da idéia do papel estruturador das primeiras emoções em relação à cognição, para depois descrever o desenvolvimento como um movimento de alternância de predominâncias, ora afetiva ora cognitiva, culminando com uma preponderância cognitiva.

Wallon (1995), demonstrou a relação estreita entre as relações humanas e a constituição da pessoa, destacando o meio físico e humano como um par essencial do orgânico na constituição do indivíduo. Sem ele não haveria evolução, pois o aparato orgânico não é capaz de construir a obra completa que é a natureza humana, que pensa, sente e se movimenta no mundo material.

A ausência do afeto pode aprisionar aprendizagem, frustrar os sonhos, ceifar a capacidade protagonista como coloca Vanice: "tanto meu pai quanto minha mãe saíam cedo com os filhos pequenos para trabalhar e esta trajetória muitas vezes prejudicava a convivência familiar que ficava marcada por outras questões que não o afeto." (Vanice).

A idealização da figura materna, da vida familiar como esteio do próprio futuro e as expectativas lançadas sobre a família como fonte de apoio são fatores que produzem dois efeitos: em primeiro lugar, abrem caminho para que os valores cultivados pelos pais sejam aceitos como pilares do caráter .

Minha mãe auxiliava na interpretação da realidade que eu vivia. Na época eu apanhava do meu pai e ela tentava gerenciar este conflito, sempre com uma fala de afeto. A referência da minha mãe foi positiva na minha infância e adolescência, a importância de ter alguém para acolher sua dor, seu sofrimento, alguém que te escute, não condene, não julgue, que reflita a partir do que você vive, que compreenda o que você vive. Quando eu preciso de algo converso com a minha mãe, é algo dela que está dentro de mim, as experiências que eu tive com ela.(José).

O segundo efeito fala da carga de expectativas lançadas sobre a geração passada, que faz das mães e dos pais as âncoras isoladas dos processos de socialização. Não surpreende que os jovens entrevistados, oriundos de comunidades pobres, anunciem a família como sua mais relevante referência. Ao fazê-lo, indicam que reconhecem e valorizam os esforços dos pais em prol de sua geração. Ao enaltecer a garra dos pais no esforço cotidiano pelo sustento da casa e dos membros do núcleo familiar, os jovens constroem canais de troca no espaço doméstico e indicam certa receptividade ao conjunto de valores da geração anterior, o que pode ser indício de sua disposição em compartilhá-los.

Por ser uma família pobre foi complicado, por que tive que trabalhar muito cedo para ajudar no sustento da casa. O que marcou foi o contato com a pobreza, a precariedade. Existiram momentos em que não tínhamos uma farinha para comer. Meu pai saía para trabalhar e

todo mundo, com fome em casa, esperava ele voltar com um quilo de arroz para a gente poder comer alguma coisa.. Isto para mim foi muito marcante, me fez valorizar algumas coisas. Hoje eu tento passar para esses valores para minha família também. (Jéferson)

Para Vygotsky cognição e afetividade são dimensões unificadas, pois “os processos pelos quais o afeto e o intelecto se desenvolvem estão inteiramente enraizados em suas inter-relações e influências mútuas” (1996,p.76). Vygotsky questiona o dualismo entre as dimensões afetivas e cognitivas quando menciona que a psicologia tradicional peca em separar os aspectos intelectuais dos afetivos-volitivos. Nesta perspectiva Pain (1991) situa dois níveis: o da categoria dos afetos, reconhecíveis como estados ou sinais específicos de um estado emocional e o da categoria dos valores afetivos, onde se produz a transformação da emoção em um valor dentro de um sistema simbólico.

Num processo de autonomia crescente, o jovem atravessa transformações e experimenta, para consigo e para com o outro, os mais diversos sentimentos, que se alternam e se combinam, numa fase de ambivalência de atitudes e sentimentos. Outrossim, o jovem é suscetível a paixões. Quando chega a puberdade, é no campo da moralidade que operam as relações com o mundo que o rodeia. O jovem passa a questionar os valores e relações sociais existentes, os quais podem passar a ser origem de manifestações afetivas, ao lado daquelas diretamente relacionadas a outro indivíduo

Fui uma adolescente rebelde, acho que eu quis colocar todo bicho para fora na adolescência.. Aprontei muito, namorava, ia para bailes. O primeiro cigarro coloquei na boca aos 17anos, o primeiro gole de cerveja foi com 14 anos. Comecei minha adolescência praticamente com 10 anos de idade, com 12 anos passava a noite fora de casa, então minha mãe teve muita dor de cabeça.(Janaina)

Em pesquisa coordenada por Castro et al. (2005), 1.300 jovens foram indagados acerca de quais seriam, em seu entender, os principais problemas da juventude, e quais as formas de enfrentá-los. Os resultados mostram que as questões relacionadas à violência, à droga e ao tráfico despontam como os principais problemas citados. Este não parece ser um problema isolado do qual seja fácil escapar. José declara sua escolha: “Comecei a fazer algumas escolhas que contribuiriam para o futuro, hoje. Fiz escolha de não cair no alcoolismo, fiz escolha de não ser usuário de drogas, na minha casa todos foram, menos eu.”A vida emerge como o lugar em que será necessário ao jovem

exercitar a percepção, ficar esperto para escapar das inúmeras armadilhas que as trocas sociais oferecem.

Então, na verdade eu foi chegando um determinado ponto, eu fui vendo uma imagem de algumas pessoas que viviam ali ao redor, de alguns amigos e fui vendo o que eu não queria, muitas coisas não se enquadravam comigo, queria ir mais além, uma busca dentro de mim por um processo melhor, por condições melhores, por sonhos melhores.(Jéferson)

É preciso resistir à tentação do ganho fácil, empreender um esforço da vontade para aplicar-se nos estudos e formar um capital pessoal que mais adiante, transpostos os muitos obstáculos, possa vir a garantir um emprego que permita ao jovem apresentar-se à sociedade, finalmente, como adulto.

5.2.2 Aprendizagem como base da construção do protagonismo

Considerando a interrelação entre afetividade e cognição apontada por Wallon e Vygotsky, discute-se neste ponto, a aprendizagem como base do protagonismo. Para Souza Neto “ a aprendizagem ensina ou dá condições aos sujeito para que se aproprie do cotidiano” (2002, p.16). Pain (1991) contextualiza tal questão ao enunciar que aprendizagem se dá durante a existência de um ser, desenvolvendo novas habilidades e competências, adaptações a novas situações vivenciadas pelo corpo e pela inteligência, pelo organismo e pelo desejo.

Vygotsky (2004) propõe uma visão de homem como sujeito social e interativo, sendo que a criança, inserida num grupo, constrói o conhecimento com a ajuda do adulto e seus pares. Dessa forma, considera que a aprendizagem ocorre a partir de um intenso processo de interação social, por meio do qual o indivíduo vai internalizando os instrumentos culturais, ou seja, as experiências vivenciadas com outras pessoas é que vão possibilitar a ressignificação individual do que foi internalizado. Aprender, portanto, é uma característica indispensável à sobrevivência humana, um ato de vida, fator decisivo para inserção social do indivíduo. É através dela que o ser humano terá condições necessárias para superar e conhecer limites, assim como lidar com situações de prazer, dor, de dever, responsabilidade, dentre outros. Aprendizagem significa uma aquisição que nos seres humanos se processa através de uma seqüência de modificações evolutivas e constantes, produzindo uma mudança real e observável no comportamento.

A categoria teórica aprendizagem surgiu no discurso dos pesquisados sistematizado conforme quadro (Anexo II).

Silva, Souza Neto e Moura (2009), tomam como base que

aprendizagem permite aos sujeitos descobrir que não estão mortos, que são protagonistas [...] aprendizagem é mais do que socialização. [...] esse processo que influencia o indivíduo a observar os padrões culturais, as regras e normas de uma sociedade, chamamos de socialização” [...] não ocorre como apenas por meio de transmissão de regras e valores, mas é também resultante de um processo de aprendizagem, no qual o indivíduo se apropria de valores culturais e desenvolve outros. (SILVA, SOUZA NETO e MOURA, 2009,p.161).

O ato de aprender aqui é considerado como uma relação de interação, dentro e fora da escola, levando-se em conta o saber que se constrói no dia a dia, o saber social, religioso, popular, as crenças e idéias. Essa concepção de aprendizagem pode ser encontrada no discurso de Vanice: ”Aprendizagem seria um conjunto de elementos favorecem nosso desenvolvimento. O aprendizado parte da estrutura familiar até uma estrutura mais dinâmica da sociedade, da comunidade, para além do ensino.”Entretanto, embora no discurso a aprendizagem seja considerada para além do ensino da “sala de aula”, ao discorrer sobre seus processos de aprendizagem os entrevistados consideram a escola como espaço que privilegia este processo:

A princípio, meu processo de aprendizagem, até a quarta serie, transcorreu com dificuldade com as questões mais abstratas da matemática, da lógica, E mais facilidade com as questões que tem a ver com as relações humanas, um pouco mais palpável . Depois disto o aprendizado foi mais tranquilo.(Vanice)

Para Souza Neto (2002, p.16) “ a aprendizagem ensina ou dá condições ao sujeito para que se aproprie do cotidiano”. O relato de Igor indica que percebia a escola como um espaço de auto descobertas: “na escola era o único momento que eu estava com pessoas da minha idade, não tinha que ser sério, não tinha que cuidar de ninguém, podia ser eu mesma falava as coisas que eu queria sem ficar pensando se ia servir de exemplo para alguém.” José também percebia a escola como um espaço privilegiado:

O único espaço que a gente tinha era a escola, onde ia extravasar, onde a gente a aprendia alguma coisa, socializar, alguma fragilidade, era um ambiente também que não era meio acolhedor para estas manifestações, que era punido, mandava cartinha, bilhetinho para a casa meu pai batia em todo mundo , sempre reingresso a cultura da violência.(José)

A afirmação de José remete à questão da mediação social e cultural. Tal processo que se estabelece entre sujeito e objeto de conhecimento é dado por meio da mediação social e cultural. Aprofundando tal questão, de acordo com Góes (1991,p.19) “ o conhecimento é construído na interação sujeito objeto e de que essa ação do sujeito sobre o objeto é socialmente mediada”.

Para compreendermos melhor o conceito de mediação Azevedo explica que “ a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas uma relação mediada, sendo os sistemas simbólicos os elementos intermediários entre o sujeito e o mundo” (2009,p.26) “que envolvem especialmente consciência, intenção, planejamento, ações voluntárias e deliberadas e o pensamento e tem sua gênese nos contextos de aprendizagem compreendidos como processos mediados culturalmente” (AZEVEDO, 2012,p.47).

A categoria protagonismo juvenil pensada a partir desta ótica rompe com a perspectiva genérica, pois cada sujeito diante da sua história constrói no seu processo de aprendizagem a sua ação protagônica, “reconstrução interna de uma operação externa” [denominado em um movimento] “interpessoal transforma-se em um processo intrapessoal, tendo como contexto as relações estabelecidas entre sujeitos historicamente constituídos” (AZEVEDO, 2012, p.48). Neste movimento entre sujeito e objeto compreende-se o protagonismo como um movimento que vai ser construído na forma e no sentido do aprender.

Portanto o sujeito por meio da aprendizagem se torna protagonista, mesmo diante das relações de desigualdade, violência, privações, entre outras pois conforme Souza Neto a “ capacidade que o indivíduo tem de enfrentar e de superar as marcas do sofrimento por meio do “ aprender” [ao aprender] “interpretar, interagir, apropriar-se e transformar o cotidiano e a história, não só como a quem recebe, mas como ser que atribui sentidos” (SOUZA NETO, 2009, p.165) é um atributo importante a ser considerado na concepção de protagonismo.

5.2.3 A arte abrindo caminhos para o protagonismo

Antes de se iniciar a discussão sobre esta categoria vale ressaltar que Sposito, Carvalho e Silva e Souza (2006) em pesquisa sobre iniciativas públicas destinadas aos

jovens em setenta e quatro municípios brasileiros, identificaram que o estímulo à participação juvenil como primeira prioridade aparece de forma mais expressiva no domínio da cultura, incluindo as expressões artísticas. Como primeira opção, as expressões culturais e artísticas são a modalidade principal em quase 20% dos programas em nível nacional. Nesse sentido, o relato dos participantes confirma a arte como possibilidade de favorecimento do protagonismo juvenil.

A conceituação desta categoria, nesta pesquisa, fundamenta-se nas ideias de Vygotsky a respeito da importância da interação social e da arte no desenvolvimento humano: o que pressupõe, além da dimensão cognitiva, a afetividade. Em sua obra sobre Psicologia e arte, Vygotsky (2004) estabelece uma relação entre a arte e a aprendizagem, atribuindo-lhe importância para compreender a interação. A arte tem uma função simbólica, permitindo ao homem se expressar e ao mesmo tempo perceber significados atribuídos à sua vida, sua busca por um equilíbrio com o meio em que vive. Além da função social, a arte pode ter uma função terapêutica, em que o indivíduo não só externaliza o seu mundo interior e o expressa por uma simbolização, como também provoca no outro a mesma possibilidade de dispor de sua emoção.

Desde épocas remotas há registros na Grécia de emprego da arte, como um meio de tratamento e cura. Na filosofia antiga, as reflexões que versavam sobre a arte consideravam não só suas relações com a beleza e a realidade natural, como também com a moral e a evolução espiritual (BOSI, 1991). A arte valia na medida em que possibilitasse ao homem uma evolução espiritual, cujo alcance verdadeiro dar-se-ia através das idéias existentes num mundo à parte. Assim, a arte poderia servir de "degrau" na escalada espiritual. A arte é uma necessidade espiritual do ser humano, tendo como prova disso o fato de todas as culturas na história da humanidade, desde os tempos mais longínquos até a atualidade, terem criado obras de arte, em pintura, em escultura, em música, em dança como forma de expressão da essencial realidade de seu viver (OSTROWER 1987). As expressões artísticas correspondem à expressão psíquica da comunidade e, particularmente, de cada indivíduo.

Vale destacar que a capacidade que o ser humano tem de perceber a realidade exterior e a definir por meio de formas, cores, movimentos e sons constitui um dos fundamentos da atividade humana. De sua relação com o mundo é que se instaura um processo de construção de significados, em que o indivíduo começa a atribuir sentido e a constituir símbolos que representam o seu mundo e a ordem cultural em que está

inserido. O desenvolvimento da percepção está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento das necessidades humanas, sejam em planos materiais, emocionais, mentais etc. A realidade interna de vivências ou da consciência que o ser humano vai dando forma se amplia e se aprofunda à medida que aumenta o contato com a realidade exterior e o seu conhecimento em profundidade. O depoimento de Igor ilustra essas questões:

Então as ações que influenciaram no meu protagonismo a arte, a questão de alimentar os sonhos, a esperança, a vontade de achar outros caminhos, que meu deus me deu mais apoio de buscar passos mais largos, foi a arte, a arte veio de encontro de abrir minha mentalidade e de me enxergar em espaços que antes não enxergava. (Igor)

Seus sentidos, suas emoções, seu intelecto são influenciados por este ‘estar no mundo’, seja com ‘marcas’ ou conteúdos que o homem internaliza, assim como na ampliação da sua capacidade de conhecer, sentir e interagir com o mundo exterior. Neste sentido, as linguagens artísticas são formas de expressão e comunicação, típicas dos seres humanos, representadas nas modalidades: motoras, musicais, da fala, teatrais, da escrita, da dança e artes plásticas. A arte tem sido um recurso utilizado por praticamente todas as sociedades humanas para expressar elementos que falam do mundo individual interior, bem como representando, através de símbolos (cor, forma, som, gestos etc), as suas impressões do mundo exterior.

Pensar a arte como forma de desenvolvimento humano, significa situá-la como instrumento e linguagem que possibilita ao ser humano o conhecimento de si, do outro e da cultura, a mesma estimula a criatividade e humaniza no sentido como nos coloca Godoy (2008).

Vygotsky (1987) discorre sobre dois tipos de impulsos na conduta humana. Ao primeiro denominou reprodutor. Estreitamente ligado à memória, possibilita ao ser humano reproduzir condutas e normas e reviver impressões de experiências passadas. Ao segundo tipo de impulso, chamou de criador, pelo qual o homem é capaz de criar algo novo a partir de combinações e reelaborações de experiências anteriores. Para tanto, a fantasia e a imaginação são imprescindíveis. É a capacidade de imaginar que fundamenta a atividade criadora e possibilita a criação artística, científica.

Vygotsky (2001) explica que a música e a poesia provavelmente surgiram com o trabalho coletivo, físico e pesado, com o objetivo de aliviar a tensão. A função da arte

revela-se, então, organizadora ou sistematizadora do sentido social do indivíduo e solução e vazão à tensão angustiante. “A arte, deste modo, surge inicialmente como o mais forte instrumento na luta pela existência (...)” (VYGOTSKY, 2001, p.310). Os elementos artísticos, seu significado, são produzidos e transmitidos socialmente. Cada objeto de arte expressa a história e a cultura do artista e do homem de determinada época (STOLTZ, 1999). Os sentimentos que desperta e supera também são históricos. Sobre a arte, diz Vygotsky (2001, p. 308) que “ o sentimento é inicialmente individual, e através da obra de arte torna-se social ou generaliza-se. [...] a arte é uma espécie de sentimento social prolongado ou uma técnica de sentimentos”.

O autor explica, ainda, que o ser humano não é capaz de dar conta da enorme quantidade de estímulos que recebe do meio, isso quando se observa a realidade analiticamente, apenas de forma cognitiva. O sistema nervoso humano, compara, é como uma estação em que muitos trens chegam, mas apenas um consegue partir. Permanece, então, no interior do indivíduo, muito a realizar, o que só pode ser solucionado na ação completa da existência: um processo que exige a participação da cognição e da afetividade. A arte seria, desse modo, um instrumento que integraria essas duas instâncias, uma forma de equilibrar o organismo ao meio. Nesse sentido, Jéferson, José e Igor, ao falarem de suas histórias, colocam a arte como catalizadora de sentimentos e organizadora de projetos que os levaram à superação de problemas e limitações. José ilustra essa afirmação com seu depoimento:

As oportunidades para trabalhar as dificuldades apareceram, foram se concretizando no teatro por que foi ali que comecei a ler. Eu não lia até os meus 16 anos, eu comecei a ler com o teatro, eu comecei a descobrir um mundo diferente a partir do teatro, tanto é que as minhas escolhas foram feitas a partir dele. (José)

Os sentimentos provocados pela arte, seja fazendo arte ou apreciando-a, superam os sentimentos comuns, que podem de alguma maneira ser expressos ou resolvidos, como quando se está triste ou alegre; aqueles sentimentos tocados e representados pela arte são emoções fortes, poderosas paixões que encontrariam na expressão artística a sua resolução. Dessa forma, a arte teria, segundo o autor, funções tanto psicológicas quanto biológicas. Vygotsky (2001, p. 57) diz que

A arte é trabalho do pensamento, mas de um pensamento emocional inteiramente específico [...]a arte parte de determinados sentimentos vitais mas realiza certa elaboração desses sentimentos [...] que consiste na catarse, na transformação desses sentimentos em

sentimentos opostos, nas suas soluções [...].A refundição das emoções fora de nós realiza-se por força de um sentimento social que foi objetivado, levado para fora de nós, materializado e fixado nos objetos externos da arte, que se tornaram instrumentos da sociedade. (VYGOTSKY, 2001, p. 315).

Separada do trabalho, em si mesma, a arte faz a mediação entre o sujeito, o mundo e as emoções que ela suscita ao mesmo tempo em que é objeto sobre o qual o sujeito age. De acordo com Vygotsky, para se perceber e compreender a arte é preciso perceber as contradições do mundo real.

Uma obra de arte vivenciada pode efetivamente ampliar a nossa concepção de algum campo de fenômenos, levar-nos a ver esse campo com novos olhos, a generalizar e unificar fatos amiúde inteiramente dispersos. É que, como qualquer vivência intensa, a vivência estética cria uma atitude muito sensível para os atos posteriores e, evidentemente, nunca passa sem deixar vestígios para o nosso comportamento. (VYGOTSKY, 2004, p. 342)

Esses vestígios podem ser identificados no discurso de Igor ao relatar a mudança de comportamento decorrente da sua vivência estética:

Comecei a desenvolver um trabalho de contação de história, através de um curso de arte que eu fiz, passei com uma psicóloga e fiz uma terapia e ela indicou que arte poderia ser uma coisa muito boa para descobrir algumas soluções, coisas que eu passava, algumas dificuldades e realmente através da arte eu consegui me enxergar um pouco mais, a produzir, me sentir mais capaz de produzir, projetar um trabalho meu e aí no decorrer deste trabalho fiquei com vontade de fazer um curso superior para adquirir mais conhecimento e abrir mais oportunidade, fiz o ENEM 04 vezes e nas três primeiras eu não consegui atingir nota para ganhar bolsa, resolvi abraçar a causa e to fazendo o curso (Igor).

Pensando diante das tragédias e dificuldades do sujeitos, verificar concretamente que “A articulação da Arte com este conceito de espaço lúdico e criativo pode ser considerado como matriz do aprender, abrindo caminho para o jogo simbólico” [...] “dando a oportunidade de recriar-se na relação do sujeito com o conhecimento e o significado do aprender” (GODOY, 2008, p. 64), conforme a autora menciona a arte é capaz de ressignificar a aprendizagem, pois a mesma de acordo com Godoy (2008)

A arte articula o conhecer e o saber fazer, quer dizer, o abstrato (a idéia e o pensamento) e o concreto (produzir/ realizar). Esta experiência sujeito/objeto estimula outras áreas para a formação do

ser, pois a partir de um ato criativo, uma ideia, uma realização, o ser se transforma e quer mostrar seu efeito a outros, estimulando assim a convivência (GODOY, 2008, p.64)

Pensando em situações específicas de pessoas que vivenciaram questões de violência, privações afetivas entre outras, e estas vivências da infância e da adolescência deixaram marcas como atribui Vygotsky a respeito da arte fazendo a defesa da arte para a própria educação, neste sentido Vygotsky argumenta;

Educar esteticamente alguém significa criar nessa pessoa um conduto permanente e de funcionamento constante, que canaliza e desvia para atividades úteis a pressão interior do subconsciente. A sublimação faz em formas socialmente úteis o que sonho e a doença fazem em formas individuais e patológicas (VYGOTSKY, 2001, p.338-339)

É pela arte que se torna possível a representação simbólica, pois a mesma permite “ o controle consciente do comportamento, lembranças voluntárias, memorização ativa, pensamento abstrato, raciocínio dedutivo, capacidade de planejamento que foram emitidos por Vygotsky e sintetizados como funções psicológicas superiores (REGO,2001,p. 24 apud in GODOY, 2008,p.62)

Kastrup (2010) afirma que a arte e a experiência estética devem/podem ser fortes aliadas para a mudança desse cenário. A experiência estética não se define pelo objeto ao qual ela corresponde, uma obra de arte, por exemplo, nem pelo traço especial da beleza. Representa além da diversão e/ou geração de entretenimento. A experiência estética é caracterizada por certa qualidade da sensação e está mais próxima do estranhamento e da problematização do que da mera experiência de reconhecimento. Ela afeta, espanta, faz pensar, mobiliza, surpreende, e provoca uma suspensão na maneira habitual de perceber e viver. Ela coloca a cognição, habitualmente voltada para a vida prática, em um estado especial, transpondo seus limites ordinários. Pode produzir tanto interesse e aproximação quanto afastamento e repulsa. No primeiro caso, fica-se absorto e ocorre a fruição da experiência estética; no segundo, distancia-se, buscando segurança naquilo que é conhecido e trivial, evitando o movimento de saída de si.

Tive uma passagem durante um longo tempo pelas artes, então eu tenho uma pré- formação que é em artes. A primeira oportunidade que eu tive foi a questão do envolvimento com as artes, não no sentido de ter algum ganho, rendimento financeiro com isto, mas a possibilidade de estar em contato com outras pessoas, outras vivências e aí a gente vai organizando nosso pensamento a forma que a gente reflete a

realidade. Para mim foi importante, por que ai gente sai do papel de vítima , de coitado e vê que existem outras possibilidades também...acho que se não fosse isto talvez não teria como mensurar onde e como eu estaria hoje (Jéferson).

Kastrup (2010) explana, fundamentada em alguns autores, como é o caso de Deleuze e Guattari, (1993) os quais concordam que a experiência estética não ocorre apenas frente a obras de arte, mas irrompe no seio na vida, sempre que ela deixa de ser uma banalidade. No entanto, a arte produz, de modo especial, experiências estéticas. A arte faz ver, amplia a percepção. De todo modo, deve-se evitar colocar a arte em um campo de transcendência, ou seja, a experiência com a arte em um âmbito restrito a seres supostamente especiais, como por exemplo: aqueles que possuem cultura, no caso dos apreciadores, ou genialidade, no caso dos artistas. A apreciação de uma obra de arte depende menos de ter cultura do que de uma percepção sensível.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo identificar e analisar condições que favorecem o protagonismo juvenil. Os resultados indicaram que a aprendizagem e a arte

apontam na direção das condições encontradas pelos participantes desta pesquisa para tornarem-se protagonistas da própria história. A importância da afetividade familiar neste processo de participação social dos jovens também foi elemento determinante para contribuir na estruturação deste sujeito social, inspirado no desejo e no compromisso social de buscar contribuir e atuar para uma sociedade mais justa e democrática.

Diante do que foi vivenciado e analisado, ao longo desse estudo, deve-se reconhecer que os jovens, atualmente, vêm desenvolvendo diversas formas de participação na sociedade de maneira criativa, autônoma e colaborativa. Mesmo em condições econômicas e sociais adversas, percebe-se que os jovens constroem seus próprios espaços, no sentido de expressar a sua condição de sujeito social, sujeito de direitos e deveres.

É preciso compreender que a luta assumida pelo direito à participação não é somente do jovem, ou de determinado segmento, mas é de todos, portanto, deve se ter em conta também o protagonismo social, considerando o sujeito coletivo, que se articula, se expressa, é propositivo, constrói programas, projetos e políticas e está em constante devir.

Esta pesquisa mostrou pontos a serem considerados no planejamento e implementação de ações estratégicas direcionadas à promoção do protagonismo juvenil. Na verdade, de tudo exposto e vivenciado, verifica-se a necessidade de uma profunda revisão dos significados e fundamentos de posturas e políticas frente à temática protagonismo juvenil. Os resultados aqui apresentados e discutidos não esgotam o tema, ao contrário, abrem novas possibilidades de pesquisas relacionadas à essa temática.

Por fim é importante ressaltar que os dados do presente estudo apóiam a idéia de que não há um único modelo de jovem ou juventude, e de que o protagonismo juvenil contribui para a construção de uma nova cultura, uma nova organização social, uma educação transformadora, problematizando estratégias para transformar a sociedade numa organização mais justa e democrática.

7. REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5/6, p. 25-36, maio/dez. 1997.

ALMEIDA, L.R.; MAHONEY, A. A.(Orgs). Afetividade e aprendizagem. Contribuições de Henri Wallon. **São Paulo: Edições Loyola, 2007.**

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições, v. 70, p. 1-118, 2009.

BERQUÓ, E. Prefácio. **Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento**, Brasília, v.1, p. 15-18, 1999.

BOGHOSSIAN, C.O; MINAYO, M. C.de S. Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos. **Saúde e sociedade**, São Paulo , v.18, n.3, set. 2009.Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902009000300006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 ago. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902009000300006>.

BOSI, A. **Reflexões sobre arte.**São Paulo: Ática, 1991.

BRITO, R.L. Hacia una sociología de la juventud. **Jovenes, Revista de Estudios Sobre Juventud**, v. 1, n.1, México, 1996.

CAMARANO, A. A. et al . CAMINHOS PARA A VIDA ADULTA: AS MULTIPLAS TRAJETORIAS DOS JOVENS BRASILEIRO. **Ultima década.**, Santiago, v. 12, n. 21, dic. 2004 . Disponible en <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22362004000200002&lng=es&nrm=iso>. accedido en 29 enero 2014. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-22362004000200002>.

CARDOSO, R.; SAMPAIO, H. **Bibliografia sobre a juventude.** São Paulo: Edusp, 1995

CASTRO, L.R.et al. (coord.). **Mostrando a real: um retrato da juventude pobre no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, Faperj/Nau, 2005.

COSTA, A.C.G. O adolescente como protagonista. **Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento**, v. 1, n.1, p.75-9, 1999.

COSTA, A. C. G.. **Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática.** Salvador: Fundação Odebrecht, 2006.

COIMBRA, M. B.; NASCIMENTO, M. L. Jovens pobres: o mito da periculosidade. In: FRAGA, C. P. F.; IULIANELLI, J. A. S. (Orgs.). **Jovens em tempo real.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.19-37.

DELEUZE, G.;GUATTARI, F. O que é filosofia? Rio de Janeiro: Ed.34, 1993

ECÁMEZ, J.; GIL, R. **O Protagonismo na educação.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

FRANCO, M.L.P.B. **Análise do conteúdo**. Líber Livro, 2012.

FERREIRA, R. M. **O discurso do protagonismo juvenil, presente nas Políticas Públicas de Juventude, como expressão de combate à exclusão social**. Anais do III Seminário Nacional e I Seminário Internacional Movimentos Sociais Participação e Democracia, UFSC, Florianópolis, Brasil, 2010. Disponível em <http://www.sociologia.ufsc.br/npms/mspd/a107.pdf>

FERRETTI, C. J.; ZIBAS, D. M. L.; TARTUCE, G. L. B. P. **Protagonismo juvenil na literatura especializada e na reforma do ensino médio**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas. Cadernos de Pesquisa, v.34 n.122, p. 411-23, mai./ago., 2004.

GADOTTI, M.(Org). **Paulo Freire uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 1996.

GOHN, Maria da Graça. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor: **Revistas mediações**, v.5, n.1, p. 11-40, 2000, disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view> , acessado em 15 de dezembro de 2012.

GONÇALVES, H. S. Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 17, n. 2, p. 208, 2005

IBGE **Censo Populacional**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. 2012.

KONTERLLNIK, I. La participación de los adolescentes: ¿exorcismo o construcción de ciudadanía?. In: Tenti Fanfani, E. (Org.) Una escuela para los adolescentes. Un material para el profesor tutor. Buenos Aires: UNICEF y Losada, 1999.

KASTRUP, V. e MORAES, M. **Exercícios de ver e não ver. Arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual**. Rio de Janeiro: NAU, 2010

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4aEd. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

NOVAES, R.; ABRAMO, H.W. Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política. **Juventude em debate**. São Paulo: Cortez, 2000, p. 46-69.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis. Vozes, 1987.

PAIN, S. **A função da ignorância: estruturas inconscientes do pensamento**. 1991.

RIBEIRO, R. J. Política e juventude: o que fica da energia. In: NOVAES, R. R. et al. **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 19-33.

SILVA, R.; SOUZA NETO, J.C.; MOURA, R. **Pedagogia social**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, v. 1, 2009.

SOUZA NETO, J.C. Da prática do desvio ao protagonismo. *Psico*, v. 41, n. 1, p. 128-136, jan/mar 2010.

SOUZA, R.M. **O discurso do protagonismo juvenil**. São Paulo: Paulus, 2008.

SPOSITO, M.P. Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 5, n. 6, p. 37-52, 1997.

SPOSITO, M.P.; SILVA, HH de C.; SOUZA, N.A. Juventude e poder local: um balanço de iniciativas públicas voltadas para jovens em municípios de regiões metropolitanas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, p. 238-257, 2006.

STAMATO, M. I. C. **Protagonismo juvenil: uma praxis sócio-histórica de ressignificação da juventude**. 2008. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Psicologia social). São Paulo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

TOURAINÉ, A. Juventud y democracia en Chile. **Revista Última Década**. Centro de Investigación y Difusión Poblacional de Achupallas (CIDPA). Viña Del Mar, Chile, n.8, 1998, p.11-33.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Representação no Brasil. **Políticas públicas de/ para/ com a juventude**. 2ª. impr. Brasília: UNESCO, 2005.

CASTRO, L. R. de et al. (Org). **Mostrando a real: um retrato da juventude pobre no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Faperj/Nau, 2005.

VYGOTSKY, L.S. **Imaginación y el arte en la infancia**. Cidade do México: Hispánicas, 1987. (original de 1930)

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 3ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989. (Coleção Psicologia e Pedagogia. Nova Série). (original de 1930)

VYGOTSKY, L. S. **Problemas de Psicologia General**. Obras Escogidas . v. IV (edição dirigida por Alvarez, A. e Del Rio, P.) Madri: Visor, 1996 (original de 1932).

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da arte**. Tradução de P.Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (original de 1925).

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (original de 1926).

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 3ª Ed., 2005. Tradução Jefferson Luiz Camargo. (original de 1934).

WALLON, H. Psychologie et matérialisme dialectique. **Enfance**, Numero special "Henri Wallon, buts et méthodes de la psychologie", p. 31-34, Janvier-Avril 1963.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa, Edições 70. 1995. (original de 1941).

WEISHEIMER, Nilson. **Os jovens agricultores e seus projetos profissionais: um estudo de caso no bairro de Escadinhas, Feliz/RS**. Dissertação de Mestrado. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Rio Grande do Sul. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

ANEXO1. Categoria teórica: Afetividade

CATEGORIA: Afetividade		
Tema	Participante	indicadores
infância	Igor	infância foi um pouco conturbada né, tive problemas com meu pai, ele era alcoólatra... sofria violência com a questão do pai, agressividade, espancava, então eu tinha um procedimento de maus tratos dentro de casa, uma infância muito conturbada...

	Jéferson	por ser uma família... é pobre eu diria, foi complicado né, por que tive que trabalhar muito cedo para ajudar no sustento da casa... o que marcou foi o contato com a pobreza, a precariedade...teve momentos em casa que a gente não tinha uma farinha para comer , meu pai de saía para trabalhar e todo mundo com fome em casa esperava ele voltar de repente com um quilo de arroz para a gente poder comer alguma coisa... isto para mim é muito marcante, isto faz a gente valorizar alguma coisas hoje e ai que eu tento passar para a família também.
	Janaina	fui uma criança muito calma, comportada e ao mesmo tempo muito vergonhosa, morria de vergonha de tudo. minha mãe me teve com 14 anos, por isto fui criada um pouco por cada membro da família...meu pai não me dava atenção por que ele era garotão, tinha 18 anos...o que mais marcou a minha vida foi a falta de dinheiro... minha mãe e meu pai nunca tiveram um emprego fixo, passava muita necessidade em casa, cheguei até passar fome, então era tipo assim, os parentes ajudando.
	Vanice	Com relação a minha infância posso dizer que tanto meu pai, quanto minha mãe, tinha que sair cedo com os filhos pequenos para trabalhar e esta trajetória muitas a vezes afasta da convivência familiar, a convivência familiar fica marcada por outras questões que não o afeto.
	José	Minha infância, foi um pouco conturbada né, meia problemática por conta da relação familiar, meu pai era alcoólatra, minha mãe era doente, tinha problemas de saúde...eu apanhava do meu pai por que queria soltar pipa, jogar bola...meu pai fazia uns bicos de final de semana e queria todos ajudando ele trabalhar... gastava tudo com pinga, então a gente na verdade a gente fugia um pouco disso e era massacrado, apanhava de todos os meus tios. Tinha uma relação legal com a minha mãe, meus irmãos também, a parte mais difícil foi lidar com a família do meu pai por que são muito distantes , a família da minha mãe tinha uma relação legal, morava junto com a gente, relação familiar tínhamos mais com a família da minha mãe, da família do meu pai a gente apanhava de todos os tios, era esta a forma de demonstrar preocupação e carinho...a gente sempre morou em favela, ocupação, a gente passou por muita dificuldade, né tinha dia que a gente conseguia se alimentar.
	Maria	Bom a minha infância, a primeira parte dela foi na Bahia, num lugar bem afastado dos outros municípios, para chegar em uma casa mais perto tinha que andar meia hora, num lugar onde não tinha luz, então tudo o que tinha para fazer era brincar... a brincadeira era ter uma enxada para trabalhar na roça, o trabalho era a brincadeira.

adolescência	Igor	o que eu passei na infância, passei na juventude, influenciou de forma negativa para mim...
	Janaina	Foi uma adolescência rebelde, acho que eu quis colocar todo bicho para fora na adolescência... aprontei muito, mas o aprontar é assim, namorar, ir para baile, o primeiro cigarro coloquei na boca aos 17anos, o primeiro gole de cerveja foi com 14 anos. comecei minha adolescência praticamente com 10 anos de idade, com 12 anos passava a noitada fora de casa, então minha mãe teve muita dor de cabeça comigo neste sentido...
	José	Minha adolescência foi um pouco mais divertida, por que você tem mais autonomia na adolescência... comecei a fazer algumas escolhas que contribuíram para este futuro de hoje... fiz escolha de não cair no alcoolismo, fiz para não ser usuário de drogas, na minha casa todos foram, menos eu.
	Maria	A minha adolescência, foi meio precoce e madura, logo assumi a função de cuidar dos meus irmãos, de trabalhar, então não tive muito tempo para fazer algumas coisas que são dos adolescentes... questionava muitas coisas, principalmente questões ligadas ao papel da mulher dentro de uma casa, numa sociedade extremamente machista, nunca aceitei.
Relacionamentos interpessoais	Igor	Então eu encontrava muitas pessoas que eu acabava tendo afeto, um afeto familiar, e tive sorte de encontrar algumas pessoas, que eram pessoas que tinha uma mentalidade, um conceito de vida legal e elas acabaram me influenciando, acabei tendo elas como espelho né, estás pessoas eram trabalhadores comuns, mãe de família, foi pessoas que acabei criando vinculo, vinculo de amizade, me dava muito conselho, me indicava alguns caminhos mas era pessoas comuns que estavam no meu entorno também... eu tento ajudar as pessoas encontrar caminhos, encontrar possibilidades, maneira de pensar, de questionar.

	Jéferson	<p>os valores que a família passava foram fundamentais para estas escolhas... independente da questão financeira a gente seguia o caminho correto para poder superar isto... você acredita naquilo e ai faz com que outras pessoas também acreditem para auxiliá-las na superação de algumas dificuldades... Eu sempre levava em consideração alguns anseios da instituição claro, mais priorizava a questão do adolescente mesmo, do que ele traz, por mais que a instituição pregue algumas coisa, a gente se deparava com uma infinidade de situações, que as vezes que a instituição, como posso dizer nem imaginava, então não tinha como a gente seguir aquilo que a instituição pregava, e ai deixar de lado o adolescente, tem até algumas situações de vínculos afetivos que era construído com os adolescentes, recentemente após eu sair da instituição teve um adolescente que estava internado que a primeira coisa que ele fez após sair da internação foi me ligar, para agradecer, para gente marcar um almoço, para ir, isto para mim é fundamental, se eu tivesse seguido as orientações da instituição, não o menino foi internado, depois que sai, ele se resolve, acho isto muito bacana.</p>
	Janaina	<p>eu tinha uma revolta interna contra minha mãe, contra minha família realmente por isto eu não obedecia... mesmo adolescente tentei sair de casa, minha mãe não permitiu, falou que colocava a policia atrás de mim para fazer eu voltar de volta, por que eu já trabalhava, cheguei a alugar uma casa com minhas amigas adolescentes, arrumamos fogão, cama tudo, mas meu pai falou que colocava a polícia atrás de mim, falou que não tinha jeito que eu não podia sair, só com 18 anos... e eu menti muito, pelas instituições que eu passei realmente elas faziam com que eu mentisse, é obrigada ou cumpria com que eles mandava ou eu estava fora deste time, e por enganar muito e saber que estava enganando aquilo ali me fazia muito mal e imaginei na minha mente que as pessoas que trabalham assim com a sociedade, eu imaginei que eram pessoas boas, eu imaginei isto e eu queria cavar meu cantinho no céu... e a busca pelo social foi para ver se eu conseguia me humanizar.</p>
	Vanice	<p>a fragilidade da convivência familiar...Acho que trouxe dificuldade nas relações sociais... você passa a conviver com outras pessoas, começa a construir uma outra concepção de mundo.</p>

	José	<p>...para não ficar em casa, comecei a fazer parte dos movimentos da comunidade, a gente fez escolinha de futebol, para os meninos não ficar na rua a gente jogava bola, montava time..., teve algumas pessoas que participaram deste marco, alguns professores na época, que me fizeram sentir prazer de estar com outras pessoas, ouvir outras pessoas... minha mãe me auxiliava na interpretação da realidade que eu vivia, então na época eu apanhava do meu pai, ela tentava gerenciar um pouco este conflito, sempre com uma fala de afeto... a referencia da minha mãe foi positiva na minha infância adolescência, a importância de ter alguém para acolher a sua dor, seu sofrimento, alguém que te escute, não condene, não julgue, que reflita a partir do que você vive, que compreenda o que você vive... quando eu preciso de algo eu converso com a minha mãe, converso com ela é algo dela que ta dentro de mim, as experiências que eu tive com ela.</p>
	Maria	<p>muitos amigos que me influenciaram na minha vida, mais acho que as pessoas que tiveram e mais próxima que me ajuda neste processo é a minha família, que apesar dos conflitos, das diferenças, dos jeitos diferentes de olhar para a vida da minha mãe e do meu pai, eu acho que eles tiveram ainda influência muito forte nas minhas escolhas, principalmente nestas relações do casal do poder do que o homem tem sobre a mulher, interferiu nas minhas escolhas futuras, de eu não querer estar neste papel de ser submissa, de que o homem tem de fato o poder sobre a mulher, no meu próprio contexto familiar mesmo fui descobrindo, enquanto qual era papel mulher na sociedade, de que forma eu queria conduzir minha vida enquanto mulher mesmo, né, eu me vi diante da situação de que bom, ou era a submissa, então assumia somente o papel da minha mãe, o homem sempre tem o poder, ou assumia o papel do homem, que ele tem o poder eu não queria ser a submissa, acho que o tempo, conforme você vai amadurecendo, você possa dividir este papéis, acho que não precisa existir os extremos, precisa saber mediar,mas talvez tenha sido um divisor para minha vida eu saber quem eu queria ser para esta sociedade, esta questão do papel da mulher mesmo de quem eu queria ser neste contexto de vida.</p>

Experiência profissional	Igor	eu comecei a pensar que talvez o serviço público por ser um trabalho um pouco mais, mais dinâmico, um pouco mais livre, um pouco mais solto onde você poderia estar desenvolvendo, poderia ter um tempo maior do que o trabalho capitalista, que onde o grande foco dele não fosse o lucro , fosse mais o social, pensei que talvez eu poderia ter mais oportunidade de me desenvolver mais,
	Jéferson	com 18 anos comecei trabalhar na prefeitura de Jandira e isto fez que eu conseguisse sanar um pouco as dificuldades
	Janaina	...tanto que adolescência com a revolta minha eu já fui trabalhar cedo para suprir esta necessidade financeira, por que é muito difícil passar por necessidade. Indo trabalhar, eu trabalhava buscando minha independência... Eu trabalhei minha vida inteira, desde a adolescência sendo vendedora e nas vendas, tem muito aquele ditado que fala vendedor só quer enrolar não vai para o céu, vendedor mente muito...Meu ultimo emprego foi num abrigo, eu era educadora social, sócio educativa, assim estava escrito na carteira de trabalho. Antes disto eu prestava serviço voluntário numa ONG de idosos na parte de alfabetização.
	Vanice	Durante a minha carreira profissional logo que me formei em 2003 eu busquei aprimoramento em Saude mental...passei por alguns serviços no hospital geral na ala da psiquiatria que contribui muito com a minha visão de mundo...foi quando eu fui convidada para trabalhar num centro de defesa do direito da criança e do adolescente, até chegar na Prefeitura, prefeitura atual que eu estou... E o que mais me marcou foi o serviço de .acolhimento de crianças e adolescentes que remete a questões de minha infância e adolescência, com relação da convivência familiar, dos vínculos estabelecidos, seja ele com a comunidade, seja ele com os familiares, seja ele com a pessoa de referencia, acho que isto marcou bastante
	José	então acho bem que por todas estas questões, necessidade de gritar para alguém necessidade da defesa, por isto que eu vem nesta trajetória na área do social minha trajetória de trabalho... alguns meninos tem dificuldade de falar sobre si, a gente utiliza um pouco da historia de vida minha, de pessoas que eu conheço para mostrar para eles que não é feio sofrer, que não é tão triste falar sobre o nosso sofrimento para alguém, procurando uma relação de segurança por outro, criando um ambiente que ele sabe o que faz só ele, a gente faz uma relação de confiança

	Maria	Eu trabalho então com adolescentes em situação de ato infracional...E ai é uma busca que continua de tentar descobrir a melhor forma de trabalhar com estas questões, de orientações de garantir que outro tenha um processo de reflexão mesmo de fato, que ele consiga usar isto para repensar sua vida e... isto acho que foi um caminho que foi me levando, mas fiz a escolha mesmo de assumir estes papéis ao longo da minha vida e de continuar com eles depois de adulta, como trabalhar com adolescentes hoje, eu escolhi é uma coisa que eu gosto
--	-------	---

ANEXO 2. Categoria teórica: Aprendizagem

CATEGORIA: APRENDIZAGEM		
Tema	Participante	indicadores
infância	Igor	não tinha cobrança com a escola, com trabalho compromisso
	José	A gente não teve, o único espaço que a gente tinha era a escola, onde ia extravasar, onde a gente ai aprende alguma coisa, socializar, alguma fragilidade, era um ambiente também que não era meio acolhedor para estas manifestações, que era punido, mandava cartinha, bilhetinho para a casa, meu pai batia em todo mundo , sempre reingresso a cultura da violência.
adolescência	Igor	uma busca dentro de mim por um processo melhor, por condições melhores, por sonhos melhores, eu não me contentava com aquilo, fui tentar voltar a estudar de uma forma mais séria, claro que não totalmente por que eu não conseguia, por que eu tinha um déficit de conhecimento muito... muito grande, mas eu fui, caminhado me dedicando um pouquinho mais na medida do possível e ai conseguir terminar o segundo grau, tive uma oportunidade que era o SENAC, que oferecia vários cursos gratuitos na área de cozinha, garçom em outras áreas.

	José	Eu entrei sabendo ler escrever na escola e a própria escola me ensinou a desaprender isto, na segunda seria eu já não sabia mais ler , nem escrever...Procedimento da cartilha caminho suave, ficava fragmentado e eu só sabia escreve meu nome completo.
Experiência profissional	Igor	<p>consegui uma vaga de emprego e vim para São Paulo... ai continuei fazendo outros cursos na área da cozinha mas com pouca absorção por que eu não tinha o conhecimento do ... aprendizagem científica , aprendizagem da escola, então eu não conseguia atuar na área, eu conseguia desenvolver um pouco, mas não tinha condição de atuar naquela área...eu trabalhava mas não me destacava por que eu tinha algumas falhas, tinha a questão da falta de confiança.</p> <p>Então pela insegurança comecei a pensar que talvez no serviço público, onde o grande foco não fosse o lucro, fosse o social, poderia ter mais oportunidade de me desenvolver...comecei a buscar concursos públicos de nível fundamental, por que tinha pouco conhecimento, participei de uns trezentos e consegui passar em um, então entrei na prefeitura de Jandira e comecei a trabalhar na biblioteca municipal.</p>

ANEXO 3. Categoria teórica: Arte

CATEGORIA: ARTE		
Tema	Participante	indicadores
	José	... as oportunidades para trabalhar as dificuldades apareceram, foram se concretizando no teatro por que foi ali que comecei a ler. Eu não lia até os meus 16 anos, eu comecei a ler com o teatro, eu comecei a descobrir um mundo diferente a partir do teatro, tanto é que as minhas escolhas foram feitas a partir dele.
	José	depois o teatro a gente começou a dar aula, mesmo não sabendo a gente começava dar aula de teatro na escola, na adolescência começou a manifestar bastante coisa.
	José	a gente trabalha com meninos envolvidos com trafico de drogas, roubo...utilizamos algumas estratégia que é mais vivencial uma atividade de silck, fotografia =, stopmocham, vídeo futebol que funciona muito

ANEXO 4
ROTEIRO DE ENTREVISTA

Identificação: _____ idade: _____

Local de nascimento: _____; etnia: _____

Sexo: _____; Religião: _____; praticante: _____

Profissão: _____; estado civil: _____

Região onde reside: _____; de trabalho: _____

Ocupação: _____;

Escolaridade: _____

Em qual instituição você trabalha: _____

Qual é o tipo de serviço em que você atua ou atuou enquanto:

() Núcleo de Medidas sócio educativas e prestação de serviço, liberdade assistida (

) serviço de acolhimento institucional

() Centro de referencia em Assistência Social

() Centro especializado de Assistência Social

() Fundação Casa

() Conselho de Direito e Assistência Social

() Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do adolescente

() ONG

outros: _____

Escolaridade: _____

Público: _____ faixa etária: _____

1. Como foi sua infância e sua adolescência?
2. Como fez para superar as dificuldades?
3. Como você desenvolve a sua prática no cotidiano ?
4. Como a sua história de vida interfere em sua prática ?
- 5.** O que você entende como protagonismo juvenil?

ANEXO 5

ENTREVISTA 1

Qual é seu nome sua idade, o que você faz atualmente?

Meu nome é Igor na escola era o único momento que eu estava com pessoas da minha idade, não tinha que ser sério, não tinha que cuidar de ninguém, podia ser eu mesma falava as coisas que eu queria sem ficar pensando se ia servir de exemplo para alguém ou não. Tenho 33 anos, no momento trabalho numa biblioteca desenvolvendo um projeto de contação de história e faço pedagogia numa universidade aberta.

Você poderia falar um pouco sobre a sua infância?

Minha infância foi um pouco conturbada né, tive problemas com meu pai, ele era alcoólatra, então tive uma infância um pouco não assistida, eu ficava muito na rua por que minha mãe precisava trabalhar para manter a casa, então não tinha cobrança com a escola, com trabalho compromisso e sofria violência com a questão do pai, agressividade, então eu sofria maus tratos dentro de casa, uma infância conturbada, um pouco de vivência que eu tive, um pouco de conhecimento foi a que eu adquiri na rua, com as pessoas, com os amigos, com as famílias dos amigos, não tinha referência familiar.

O que os amigos proporcionavam para você?

Eles proporcionavam uma afetividade, era o que eu tinha como família, eram brincadeiras, passeios com as famílias deles, era este tipo de coisa dentro da realidade deles, que era um realidade pobre, num bairro pobre, numa cidade pobre, não tinha muito recurso. Era o que tinha.

Como você fez para sobreviver a estas circunstâncias?

Então na verdade eu fui chegando num determinado ponto, fui vendo algumas pessoas que viviam ali ao redor, alguns amigos, e fui vendo o que eu não queria, muitas coisas não se enquadravam comigo, queria ir mais além, uma busca dentro de mim por um processo melhor, por condições melhores, por sonhos melhores, eu não me contentava com aquilo. Tentei voltar a estudar de uma forma mais séria, claro que não totalmente por que eu não conseguia, por que eu tinha um atraso, um déficit de conhecimento muito forte, mas eu fui, caminhado me dedicando um pouquinho a mais na medida do possível e aí conseguir tirar um segundo grau, tive uma oportunidade que era o SENAC, que oferecia curso gratuito na área de cozinha, garçom em outras áreas e fui atrás desta oportunidades, porque lá a gente via pessoas saírem de lá, ir para Consegui fazer o curso ,consegui uma vaga de emprego e vim para São Paulo e aí continuei a jornada, fazendo outros cursos na área da cozinha também mas com muita, muita dificuldade por que eu não tinha o conhecimento da aprendizagem escolar, da escrita, interpretação, que me desse condição de absorver bem o conteúdo, então eu não conseguia atuar na área, eu conseguia desenvolver um pouco, mas não tinha condição de atuar naquela área. Como na área em que eu trabalhava, que era de cozinha, também não me destacava por que eu tinha falhas, tinha falta de autoconfiança e outras coisas, mais eu continuei a buscando outros cursos.

Como foi sua adolescência e juventude?

Na faixa dos vinte, vinte dois anos que eu vim para cá.

Como a história de sua vida, do seu dia a dia, a sua infância e sua adolescência influenciaram na sua escolha e na sua trajetória, no que você é hoje?

Eu creio que influenciou de forma negativa para mim, pois se eu tivesse condições melhores podia ter me destacado mais.

Houve uma oportunidade, alguma lembrança, algum motivo que fez você escolher este caminho que hoje você escolheu na tua vida?

Encontrava muitas pessoas que eu acabava tendo afeto, um afeto familiar, e tive sorte de encontrar algumas pessoas, que eram pessoas que tinham uma mentalidade, um

conceito de vida legal que acabaram me influenciando, acabei tendo elas como espelho, estas pessoas eram trabalhadores comuns, mães de família, pessoas com as quais acabei criando vínculo de amizade, me davam conselhos, indicavam caminhos mas eram pessoas comuns que estavam no meu entorno.

Estas escolhas do seu trabalho do seu estudo, esta decisão de fazer uma faculdade?

Então na verdade fui percebendo que pela falta de habilidade, falta de conseguir ter uma dinâmica acelerada de trabalho, por insegurança, talvez o serviço público por ser um trabalho um pouco mais dinâmico, mais livre, mais solto onde você poderia estar desenvolvendo, poderia ter um tempo maior do que o trabalho capitalista, onde o grande foco não fosse o lucro, fosse o social, pensei que talvez eu poderia ter mais oportunidades de me desenvolver, então comecei a buscar alguns concursos públicos de nível fundamental, por que tinha pouco conhecimento na área, fui tentando fiz vários, fiz cerca de uns trezentos e consegui passar em um, então entrei na prefeitura de Jandira e comecei a trabalhar na biblioteca municipal de Jandira e comecei a desenvolver um trabalho de contação de história, através de um curso de arte que eu fiz, passei com uma psicóloga e fiz uma terapia e ela indicou que arte poderia ser uma coisa muito boa para descobrir algumas soluções, coisas pelas quais eu passava, algumas dificuldades e realmente através da arte eu consegui me enxergar um pouco mais como protagonista da minha história, através da arte eu comecei a produzir, projetar um trabalho meu e aí no decorrer deste trabalho fiquei com vontade de fazer um curso superior para adquirir mais conhecimento e abrir mais oportunidades, fiz o ENEM 04 vezes e nas três primeiras eu não consegui atingir nota para ganhar bolsa, resolvi abraçar a causa e estou fazendo o curso.

O que significa protagonismo para você?

Então o protagonismo pelo que eu consigo enxergar ele, em poucas coisas que eu li, que ouvi é ação do ser humano, todo mundo é protagonista, agora tem história que vão gerar um produto que para a sociedade é importante e outros que vão gerar que para a sociedade não é importante.

O protagonismo é o sujeito fazendo alguma ação em sua vida, ele tá agindo de alguma forma, acho que o sujeito só vai deixar de ser protagonista quando ele desistir

da vida, quando ele se entregar e se entregar a morte, por qualquer ação que ele esteja fazendo para a sobreviver, independente do ponto de vista de outras pessoas, do sistema que a gente vive, capitalista ou outro sistema, independente desta visão, desde que a pessoas esteja fazendo algo, esteja evoluindo, independente do grau de evolução ,do nível de evolução, do aceleração ela é protagonista.

Quais as ações que influenciaram no seu protagonismo?

Então as ações que influenciaram no meu protagonismo a arte, a questão de alimentar os sonhos, a esperança, a vontade de achar outros caminhos, o que meu deu mais apoio de buscar passos mais largos, foi a arte, a arte veio ao encontro de abrir minha mentalidade e de enxergar em espaços que antes não enxergava.A arte é uma ferramenta, muito forte, importante e fundamental para trabalhar pessoas que estejam em situação de risco.

A relação com as pessoas, com o público

Então depois de ter percorrido todo este caminho, eu tento agir, como... eu me enxergo talvez, não de forma tão ampla, eu me enxergo como educador social, eu tento ajudar as pessoas encontrar caminhos, encontrar possibilidades, maneira de pensar, de questionar , eu tento buscar uma informação sobre determinado tema e passo para as pessoas acho que você não pode fazer, tem que a ajudar a caminhar

ENTREVISTA 2

Qual é seu nome, sua idade, onde você trabalha e que você faz atualmente?

Meu nome é José tenho 27 anos e trabalho com medida sócio educativa em Pirituba na ONG AJES.

O que você faz lá?

Técnico sócio educativo, atendo adolescentes em medida em meio aberto, liberdade assistida e prestação de serviço a comunidade.

Você poderia falar um pouco sobre sua infância?

Minha infância, foi um pouco conturbada né, meia problemática por conta da relação familiar, meu pai era alcoólatra, minha mãe era doente, tinha problemas de saúde, somos em sete irmãos, éramos em oito uma morreu , meio maluco por que assim eu busca muito ser criança, eu apanhava do meu pai por que queria soltar pipa, eu apanhava do meu pai por que queira jogar bola, enquanto meu pai fazia uns bicos de final de semana e queria que todos nos participarmos ajudando ele trabalhar, mas na questão financeira não repassava o dinheiro para ninguém gastava tudo com pinga, então a gente na verdade a gente fugia um pouco disso e era massacrado, apanhava de todos os meus tios.

Tinha uma relação legal com a minha mãe, meus irmãos também, a parte mais difícil foi lidar com a família do meu pai por que são muito distantes , a família da minha mãe tinha uma relação legal, morava junto com a gente, relação familiar tínhamos mais com a família da minha mãe, da família do meu pai a gente apanhava de todos os tios, como toda convivência era apanhado, a família do meu pai era está a forma demonstrar carinho, está era forma demonstrar que se preocupa, era batendo

Quais as oportunidade durante a infância, houve alguma?

É muito complexo por que assim, a gente sempre morou em favela, ocupação, a gente passou por muita dificuldade, né tinha dia que a gente conseguia se alimentar, tinha dia que não, era o salário que o meu pai ganhava na época e tal, e.. não conseguir fazer um curso profissionalizante quando criança, não tinha espaço que acolhia e os únicos espaços que acolhia era religioso, meu pai era da assembléia e os espaços religiosos eram todos católicos, e ele não aceitava que a gente participava e... ou espírita

na época, igreja japonesa. A gente não teve, o único espaço que a gente tinha era a escola, onde ia extravasar, onde a gente ai aprende alguma coisa, socializar, alguma fragilidade, era um ambiente também que não era meio acolhedor para estas manifestações, que era punido, mandava cartinha, bilhetinho para a casa, meu pai batia em todo mundo , sempre reingresso a cultura da violência.

Sua adolescência?

Minha adolescência foi um pouco mais divertida, por que você tem mais autonomia na adolescência, quando você é criança você não tem, e... mais autonomia comecei fazer algumas escolhas, resolver, algumas coisas que contribui para este futuro de hoje, curso de teatro deu para extravasar bastante coisa, na adolescência eu questionava mais, fiz escolhas de não cair no alcoolismo, fiz para não ser usuário de drogas, na minha casa todos foram, menos eu, então na minha adolescência está autonomia, por eu ser muito critico com meu pai, como via meu pai, qual a visão que eu tinha dele, então não aceitava ser ele e nem parecido com ele, foi um ponto ideal para as escolhas diferentes. Foi daí que começou a surgir, por que assim para não ficar em casa, comecei a fazer parte dos movimentos da comunidade, a gente fez escolinha de futebol, para os meninos não ficar na rua a gente jogava bola, montava time, depois o teatro a gente começou a dar aula, mesmo não sabendo a gente começava dar aula de teatro na escola, na adolescência começou a manifestar bastante coisa.

Da infância para a frente foi o que veio estas coisas das oportunidades, trabalhar as dificuldades veio aparecer, foi se concretizando no teatro por que foi ali que comecei a ler, eu não lia até os meus 16 anos, eu comecei a ler com o teatro, eu comecei a descobrir um mundo diferente a partir do teatro, tanto é que as minhas escolhas foi a partir disto. Dai teve o falecimento da minha mãe nesta fase, já estava com 17 anos e após o falecimento dela, de tudo que ela falava, todos os sonhos comecei a batalhar para conseguir mudar estas coisas.

O grande problema na minha vida é aceitação da religião, eu não consigo compreender sobre um poder, uma hierarquia, um poder que vai determinar o que vai acontecer eu não consigo compreender desta forma, eu acho que a vida é humana, as relações são humanas, são a partir destas relações que as pessoas são boas, são ruins, compreende ou não compreende o que estão vivendo. Lógico que acredita numa coisa transcendental a vida pode te dar um conforto algum conforto algum momento. Por

enquanto para mim ainda não fez falta, quando eu preciso de algo eu converso com a minha mãe, converso com ela é algo dela que tá dentro de mim, as experiências, as vivências que eu tive com ela.

Acho que a adolescência foi o marco da minha vida, teve algumas pessoas que participaram deste marco, alguns professores na época, que me fizeram sentir prazer de estar com outras pessoas, por ouvir outras pessoas, minha mãe potencial muito grande, que me auxiliava na interpretação da realidade que eu vivia, então na época eu apanhava do meu pai, ela tentava gerenciar um pouco este conflito, sempre com uma fala que eu gosto de repetir muito, de afeto quem te dar alimento, era busca dela para me compreender de tudo o que ele fazia não era por que não gostava, não era só por que tinha raiva, era forma que ele sabia e se ele não gostasse ele não alimentava ninguém. O grande potencial da minha nesta transformação, então eu tive experiência com tios, pessoas mais velhas que também interpretava o mundo de forma diferente, modificando um pouco o meu comportamento, fui amadurecendo, tendo experiências novas, acho que foi pautado um pouco disso autonomia da escolha e das decisões.

Como a sua infância, sua adolescência, sua vivência contribuíram para a sua escolha atual?

Eu acredito que toda esta manifestação, vivências emocional, que a gente tem na infância na adolescência é que conduziu, as injustiças que eu percebia, né, ser agredido sem motivo ou por que o outro interpretou que este é o motivo para te agredir e por você não ter uma defesa própria para dar conta disto e você faz diversas interpretações por que você está apanhado, por que o motivo nunca é o do outro, compreender o motivo do outro na infância é muito difícil e na adolescência mais difícil ainda.

Em vez de você compreender você vai confrontar, você já tem força, o cara te agride para devolver a agressão. Outra coisa é a referência da minha mãe, foi positiva na minha infância adolescência, a importância de ter alguém para acolher a sua dor, alguém para acolher a sua dor, seu sofrimento, alguém que te escute, que não te condene, que te julgue, mais que reflita a partir do que você vive, que compreenda o que você vive é a partir da compreensão, da escuta que a pessoa vive, sofre que você pode fazer ele transformar esta realidade, fazer a própria interpretação, então com a própria interpretação, transformar a forma de viver, as pessoas que eu convivia fazia isto, colocava o mundo que tá e a forma que compreendia, que eu percebo é diferente

vamos comparar, são algumas coisas na minha busca profissional, aprendi um pouco da escuta., a importância do compreender, de esperar, esperar o tempo do outro, do processo de aprendizagem humana, aprender a conviver com alguns conflitos a lidar com algumas frustrações, cada pessoa tem um tempo para isto, primeira formação a minha segunda busca, busca pelo processo de quem educa, não adianta trabalhar pela problemática educacional sem saber como é o processo educacional, então a partir disto meu interesse na questão da aprendizagem, como tudo é aprendizagem, desde a infância e eu entrei sabendo ler escrever na escola e a própria escola me ensinou a desaprender isto, na segunda seria eu já não sabia mais ler, escrever.

Procedimento da cartilha do caminho suave ficava fragmentado e eu só sabia escrever meu nome completo e então acho bem que por todas estas questões, necessidade de gritar para alguém necessidade da defesa, por isto que eu vem nesta trajetória na área do social minha trajetória de trabalho como educador, as vezes voluntario, pelo trabalho mesmo.

Qual é a relação com a instituição que você trabalha?

Eu acho positivo, eu acho positivo por que....acredito que eles me respeita né, e assim a mesma coisa que eu faço respeito eles, algumas decisões a gente não compreende mais respeita, eu acho, acredito, no potencial profissional e humano que eu tenho, eu acredito na possibilidade, tem uma relação que é recíproca, com respeito, a gente tem algumas fragilidades, tanto a instituição quanto eu acho que é meio isto.

Sua atuação como educador, com educando como você desenvolve seu trabalho com o educando?

Parto que ele mesmo sabe o que ele quer buscar, então a gente respeita muito isto, hoje para facilitar a vida, tem o plano individual de atendimento onde você consegue traçar um atendimento direcionado para cada um, a família participa deste processo ,algumas estratégias a gente trabalha com a história de vida, a gente vai complementando algumas coisas, fazendo as discussões, alguns meninos tem dificuldade de falar sobre si, a gente utiliza um pouco da historia de vida minha, de pessoas que eu conheço para mostrar para eles que não é feio sofrer, que não é tão triste falar sobre o nosso sofrimento para alguém, procurando uma relação de segurança por outro, criando um ambiente que ele sabe o que faz só ele, a gente faz uma relação de

confiança, utilizamos algumas estratégias que é mais vivencial uma atividade de silck, fotografia =, stopmocham, vídeo futebol que funciona muito, por que assim eu acredito que a gente só pode auxiliar o outro no processo de transformação quando a gente vivenciais algumas relações junto com ele, não tem como interpretar uma relação já interpretada, quando a gente senta com uma pessoa ele já tem uma relação interpretada, ele só pode falar do que ele interpretou e não que ele viveu, a vivencia dele já interpretativa, então você pode jogar alguma coisa da interpretação dele, as vezes a interpretação dele é um pouco, não que e errada mais é diferente da interpretação que você podia fazer da mesma relação, trabalho um pouco em cima disto, auxiliar na interpretação desta realidade, de auxiliar na compreensão do mundo que ele está vivendo, como a gente trabalha com meninos envolvidos com trafico de drogas, roubo, ele vive numa comunidade e está comunidade.

Diante de sua trajetória, o que é protagonismo para você

Pra mim protagonismo, né levando um pouco mais ,tenho uma formação em teatro é o sujeito que é principal da relação, então protagonismo é quanto você se concebe sujeito principal da relação social, não que você desconsidere os outros, mas você tem você como objetivo final, suas necessidades, suas relações, você ser protagonista é fazer a busca para emancipar você mesmo. Pra você... pra você.... Eu acredito o que conduz isto são as experiências e referencias que a gente tem, a escola limita um pouco isto, ela dificulta nisto, por que ela tira a criticidade do sujeito, critico de suas relações menções, das, sei lá das injustiças ele tem que ser critico, para ser protagonista ele não tem que ser tapado, ele não pode só viver uma intepretação possível, tem que da abertura para outras interpretações né, tem sujeito extremamente critico mais não protagonista, ele não vive está criticidade para o desenvolvimento pessoal, desenvolvimento dele perante a sociedade, acredito que é isto que transforme mesmo, que cria o sujeito, a vivencia com outras pessoas, com outras realidades, estás experiências, experiências que transformam a aprendizagem do sujeito para ser critico ou menos critico.

Pensando na adolescência, adolescência entra neste processo, é complexa por conta disto, ele está numa busca do protagonismo, na busca da atenção dos seus desejos, de suas necessidades e ao mesmo tempo ele tem que respeita varias regras sociais, vários valores imposto pela família e pela sociedade, ele, depende das relações

vivenciadas, ele não consegue transcender isto, ele vive muito mais sofrimento do que a possibilidade da mudança, a possibilidade da transformação, por conta das relações, a gente vê em varias comunidades em experiências que tem vários adolescentes que já são protagonista de sua própria vida , eles são escritores de sua historias, eles conseguem concebem a realidade que está posta e não são afetados totalmente, logico que são afetados, mas não são afetados ou influenciados pelas questões que eles viveram ou pelas questões que os amigos vivem, eles tem uma busca e está busca interna é bem maior do que as complexidades que eles estão vivendo, acho que é bem isto são as experiências que transformar o sujeito em protagonista.

ENTREVISTA 3

Qual é seu nome sua idade, o que você faz atualmente?

Eu sou Maria tenho 25 anos, sou casada e não tenho filhos, sou formada em Psicopedagogia e trabalho como técnica de medidas sócio educativa.

Você poderia falar um pouco sobre sua infância?

Bom a minha infância, a primeira parte dela foi na Bahia, num lugar bem afastado dos outros municípios, para chegar em uma casa mais perto tinha que andar meia hora, num lugar onde não tinha luz, então tudo o que tinha para fazer era brincar, mesmo, assim, não tive contato com nada, de escrita, lápis, cadernos, desenhos, então brincava muito é era uma brincadeira sempre voltada para a questão do trabalho, não tinha bonecas, não tinha nada neste sentido, a brincadeira sempre era no sentido de ter uma enxada para trabalhar na roça, está era a brincadeira.

Quando eu estava com sete anos nos mudamos para uma cidade um pouco mais central chamada Barroca, foi quando iniciei a minha vida escolar, comecei a ter um pouco mais contato com outras crianças, com outras pessoas, até então é apenas eu, depois que a gente mudou para a cidade nasceram meus irmãos, mais três, dois meninos e uma menina.

E estudei, fiquei neste município mais dois anos e depois vim para São Paulo onde tive uma outra realidade de infância, já um pouco mais moderna, podemos dizer assim, mais né primeiro dia, televisão, música, um acesso maior a estas coisas, mas também com meus 13 anos comecei a trabalhar, a cuidar dos meus irmãos talvez a minha infância foi até os 12 anos.

Como foi a sua adolescência?

A minha adolescência, foi meio precoce e madura, então teve, acho que vivi, logo assumi a função de cuidar dos meus irmãos, de trabalhar, então não tive muito tempo para fazer algumas coisas que são dos adolescentes, uma parte que tive muito foi o de rebeldia, de ser revoltada de questionar muitas coisas, principalmente questões ligadas ao papel da mulher dentro de uma casa, numa sociedade extremamente machista, nunca aceitei, então é acho que a melhor parte da adolescência que eu vivi foi um pouco está do conflito acho que me ajudou a ser uma pessoa muito madura depois, mais minimamente que eu consegui viver alguma coisa, principalmente na escola era o único momento que eu estava com pessoas da minha idade, não tinha que ser seria, não tinha que cuidar de ninguém, podia ser eu mesma falava as coisas que eu queria sem ficar pensando se ia servir de exemplo de alguém ou não.

Da sua trajetória de sua vida.

Foi um caminho, que foi seguindo, todas as escolhas que fiz, escolhas de vida profissional, acho que de vida pessoal tem muito influencia deste percurso historico de vida que foi construído ao longo da minha infância e adolescência, principalmente minha formação acadêmica, no sentido de querer trabalhar com o público infantil quanto adolescente, acho que por conta desta responsabilidade que assumi ao longo da minha vida, principalmente de cuidar de meus irmãos, e.. quando assumir eu não sabia como fazer, eu tive que descobrindo ao longo do tempo, de como orientar conversar, do melhor jeito, de como até como não me sentir culpada por algumas coisas que acontece,

você acha que você errou, a minha formação acadêmica foi um pouco direcionada neste sentido de trabalhar com este público.

E aí é uma busca que continua de tentar descobrir a melhor forma de trabalhar com estas questões, de orientações de garantir que outro tenha um processo de reflexão mesmo de fato, que ele consiga usar isto para repensar sua vida e... isto acho que foi um caminho que foi me levando, mas fiz a escolha mesmo de assumir estes papéis ao longo da minha vida e de continuar com eles a longo da minha vida, e de continuar com eles depois de adulta, continuar e não parar e fazer uma coisa totalmente diferente, como por exemplo trabalhar com adolescentes hoje, eu escolhi é uma coisa que eu gosto, a minha vida acho que é isto.

Lugares, situações ou pessoas

Sim muitos amigos que me influenciaram na minha vida, mas acho que as pessoas que estiveram mais próximas, que me ajudaram neste processo é a minha família, que apesar dos conflitos, das diferenças, dos jeitos diferentes de olhar para a vida da minha mãe e do meu pai, eu acho que eles tiveram ainda influência muito forte nas minhas escolhas, principalmente nestas relações do casal do poder do que o homem tem sobre a mulher, interferiu nas minhas escolhas futuras, de eu não querer estar neste papel de ser submissa, de que o homem tem de fato o poder sobre a mulher, no meu próprio contexto familiar mesmo fui descobrindo, enquanto qual era papel mulher na sociedade, de que forma eu queria conduzir minha vida enquanto mulher mesmo, né, eu me vi diante da situação de que bom, ou era a submissa, então assumia somente o papel da minha mãe, o homem sempre tem o poder, ou assumia o papel do homem, que ele tem o poder eu não queria ser a submissa, acho que o tempo, conforme você vai amadurecendo, você possa dividir estes papéis, acho que não precisa existir os extremos, precisa saber mediar, mas talvez tenha sido um divisor para minha vida eu saber quem eu queria ser para esta sociedade, esta questão do papel da mulher mesmo de quem eu queria ser neste contexto de vida.

Qual sua relação com o educando.

Eu trabalho então com adolescentes em situação de ato infracional, eles chegam para mim com uma determinação judicial que eu tenho a princípio adequar de forma com o poder judiciário, a gente vai vendo que o trabalho não é só isto, você tem um

campo muito amplo que você pode trabalhar com o adolescente, né, de metodologias que você tem que ir trazendo, para você utilizar como recurso mesmo no atendimento, por que cada atendimento tem um perfil diferente, cada adolescentes tem uma historia diferente, e a grande busca que você trabalhar é descobrir que metodologia você usa para cada adolescente para eles ressignificar a sua historia e, quebra este ciclo de ato infracional e começar a escrever um outro percurso diferente do que ele está acostumado a fazer, não é do jeito que ele aprendeu a fazer, desde a questão de você trabalhar com ele de valores, respeito ao próximo, as vezes está invertido para ele que não é o que está imposto na sociedade, fazendo está mediação de tentar achar um caminho para ele que esteja dentro do jeito dele, dentro da história dele, que eles não perca isto o processo histórico da vida dele, que ao mesmo tempo seja um processo que seja aceito socialmente, que eles por conta disto num venha se envolver num poder judiciário, assim coisas imprevisíveis, que eles possam levar uma vida, acho que normal, dentro do que considerado normal, mas que eles tenha a sua própria características ai, sabe fazer diferente para pegar uma outra geração, acho que eles automaticamente estão para construir alguma coisa para gente de uma outra geração.

A minha relação com estas questões que são técnicas do trabalho é muito de tentar provocar isto, que as pessoas tem este olhar que o atendimento não caia muito de cobrar aquilo que juiz que saber, acho que minimamente você passa seis meses com o menino, você não pode deixar o menino sair sem ele de pensar a vida dele, o juiz não quer saber da vida dele, o juiz que saber sobre a vida dele se ele cumpriu a medida que foi aplicada e se ele não está inflacionado mais, mas isto não importante para mim saber, acho que é importante se ele está pensando sobre a vida dele, sobre novas escolhas, mais do que isto é apresentar para o menino se existe outra possibilidade de uma outra perspectiva de vida, que para muitos eles não tem está ideia, pois para muitos a vida é do jeito que eles apreenderam, não da muito, você tem alguns discursos que estes meninos, não conseguem ver outra possibilidade se não a do roubo, então nosso trabalho é mostrar que há outra possibilidade, que há outras consequências e que isto depende de algumas escolhas que eles vão fazendo para a vida deles.

O que é protagonismo para você

É, pensando deste campo dos adolescentes que trabalho e pensando um pouco na minha própria adolescência, acho que é este processo de você ser questionador, de você

não aceitar o que está imposto só por que está imposto. Este processo de protagonismo vai muito além disto, então as pessoas ficam falando, o adolescente trabalha esta sendo conduzido pelo um processo tão comum da vida que ele é incapaz de se perceber enquanto cidadão, ne acho que muito pelo contrario que é possível você ser autônomo neste processo, protagonista é isto você conduzir sua vida do jeito que você quiser, fazer as escolhas que você acha que são boas, mais do que isto você poder estar num grupo e junto com este grupo poder discutir sobre outras possibilidades de vida e de alguma forma poder fazer isto com outros jovens e mudar o que está imposto, que seja um processo não normal, mas aceito que não vá de encontro com valores que você não agrida pessoas, que você tenha, respeito pelo outro não sabendo aceitar a opinião dele, acho que está questão do protagonismo acho que os adolescentes até vive bem isto, quando eles fazem as escolhas do jeito de se vestir, das músicas que eles querem, mesmo que seja um FUNK que ninguém aceita,é um protagonismo de escolha né,eu to escolhendo viver neste contexto que para gente que vem de uma outra formação, de uma cultura é meio difícil aceitar isto e encher como protagonista, mas é um movimento que esta se criando e que acho a juventude esta muito dentro disto, que talvez falte mais é consciência e clareza do que eles querem, que eu não sei se eles tem isto, se é para ter, pois tem coisas que vamos conquistando ao longo do processo e tem coisas que vai amenizando, raiva você, vai perdendo, protagonismo esta muito ligado das escolhas que você faz para sua vida.

ENTREVISTA 4

Seu nome, sua idade, sua formação e o que você faz atualmente?

Meu nome é Jeferson eu tenho 30 anos e minha formação é em pedagogia, só que tive uma passagem durante um longo tempo pelas artes, então eu tenho uma pré formação que é em artes

Você poderia falar um pouco sobre sua infância.

Bom eu sou do interior de São Paulo, né, a gente veio para, nos viemos para São Paulo por volta mais ou menos seis anos, seis anos e meio, morei um tempo em Jandira e de Jandira eu mudei para Barueri, onde eu passei a minha pré adolescência, minha adolescência passei em Barueri e depois retornei para Jandira.

Eu digo que tive uma adolescência, uma infância meio nômade, nos passamos por diversos locais, por diversas situações e... por conta disto a gente vai, como posso dizer..é deixando, um pouco da gente em cada canto que a gente passa e carregando um pouco das pessoas que a gente teve contato também. Por conta disso o acho que tive uma infância um pouco rica neste sentido e também um pouco precária por causa disto também, você não cria raízes, não estabelece vínculo.

Sua adolescência

Então por gente ser uma família... é pobre eu diria, foi complicado né, por que eu tive que trabalhar muito cedo, para ajudar no sustento da casa, e.. mais focava os estudos, nunca parei de estudar por conta disto também, e sempre trabalhava e estudava, desde os trezes anos praticamente me emancipei financeiramente da família eu já ajudava em casa, com doze anos eu já...trabalhava e ajudava na com as contas em casa para pagar, aluguel, alimentação, estas coisas.

O que você atribui de extrema dificuldade, que foi difícil para você e acabou marcando na infância e na sua vida ?

Então que marca mesmo e o que marcou, foi contato próximo mesmo com a questão da pobreza, né, a questão da precariedade, por que assim teve situações, momentos em casa que a gente não ter uma farinha em casa para comer , né da gente sei lá, meu pai de repente sai para trabalhar e todo mundo com fome em casa e esperava ele volta de repente com um quilo de arroz para a gente poder comer alguma coisa, isto para mim é muito marcante, isto faz a gente valorizar alguma coisas hoje e ai que eu tento passar para a família também

Oportunidades

No meu caso acho que primeira oportunidade que eu tive, foi a questão do envolvimento com as artes mesmo, né, mais não no sentido de alguma coisa, ter algum ganho, rendimento financeiro com isto, mais a possibilidade de estar em contato com outras pessoas, de outras vivencias e ai a gente vai organizando nosso pensamento a forma que a gente refleti a realidade, pra mim foi o mais importante, por que ai gente sai do papel de vitimizar ,de ser um coitado e vê que tem outras possibilidades também. Para mim contato primordial foi as artes, acho que tinha 14 anos na época, meu primeiro contato com artes e ai comecei a conhecer outras regiões também e outras pessoas e isto para mim foi, acho que se não fosse isto talvez não teria como mensurar onde eu estaria hoje e como.

Movimento seu diante da sua dificuldade, para superar

Então mais, é que eu não sei chegou traumatizar ou causa alguma angustia para ter causado movimento para superar isto, acho que é um processo natural da vida mesmo, de como você se coloca em frente aquela situação, por exemplo, diante da questão da dificuldade financeira, assim... era uma coisa que a gente tinha que sobreviver e qual é a forma, que a gente tinha, tinha vários caminhos, por exemplo sei lá de repente eu podia ter escolhido, é ajudar minha família de uma forma, de repente entrar no tráfico para suprir uma necessidade, mais as escolhas que a gente fazia, os valores que a família passava foram fundamentais para estas escolhas, né que independente da questão a gente seguia o caminho correto entre aspas correto pra poder

superar isto, e aí foram, foi um processo que foi acontecendo naturalmente, como teve está questão do trabalho precoce, então com 18 anos comecei trabalhar na prefeitura de Jandira e isto fez que eu conseguisse é sanar um pouco, nestas questões das dificuldade financeiras, e com isto, nesta época eu já trabalhava com artes e com isto me ajudou a desenvolver um pouco mais, tanto meu trabalho enquanto artista é e isto auxiliando neste processo de superação, nestas questões financeiras mesmos.

Você considera um educador social

Acredito que sim, no meu ponto de vista é não tem a necessidade de uma formação específica para ser um educador social, acredito que um educador social pode ser um vizinho que tem uma visão mais aberta de outras realidade e não da realidade, mais de outras realidades por isto acredito que o trabalho de um educador social ele é muito sensível, sensível no sentido de qualquer um de qualquer forma possa fazer, mais não necessita um conhecimento técnico basta que você tem uma linha de pensamento, você acreditar naquilo e aí fazer com que outras pessoas também acredite naquilo, de repente para auxilia-las num processo de uma superação de algumas dificuldades, acho que é isto, neste sentido me considero um educador social.

Como que é sua relação com o educando

Então isto é muito interessante, por que a princípio as pessoas tem uma visão do educador social, como aquela pessoa que é , como posso dizer, aquela pessoa que é dono da razão né , ele tem a visão do que é o melhor para outra pessoa, quando o educador tem está visão também ele acaba atropelando algumas visões do educando, para mim o primordial é o educando, o que é importante para ele de repente igual a experiência que a gente tinha na ages é com adolescente inflatores, qual é a visão que este adolescente tem de realidade para ele, por que para mim é muito fácil chegar e falar você tem que sair do tráfico, você tem que estudar, você tem que trabalhar, para este educando, como que foi o processo de constituição dele, familiar dele, então assim você chega para uma criança, adolescente de 13 anos e fala não você tem que trabalhar, mas o processo anterior a isto, para mim o muito mais importante é conhecer este processo, para daí faze-lo acreditar que seria necessário um trabalho, para mim é muito importante é a visão do educando, o que educando traz com ele já e partir disto a gente vamos trabalhando algumas questões, agora se por exemplo para ele para mim

importante minha vida é o trafico e eu quero ficar nisto a gente vai trabalhando algumas questões com ele ganha e ele perde com relação a isto, e não nunca impondo nada.

Como você construiu este olhar?

Este olhar eu fui construindo no contato, dia a dia mesmo com pessoas próxima, querendo ou não como a gente, minha família sempre viveu em uma região pobre, a gente tinha contato com pessoas na margem da criminalidade e ai a gente vai criando está visão, por que as vezes não é uma necessidade, uma falta de opção as vezes ele tá lá por que é o processo que ele foi construindo, meio em que ele foi inserido, não é uma pessoa ma por conta disto, pelo contraio são pessoas de boa índole,foi a função, a forma que ele encontrou para sobreviver.

Relação com a instituição.

Então isto é um pouco complicado, né, por que a instituição, é dividido de duas formas, uma no que prega e outra aquilo que realmente realiza e dependendo da instituição você consegue conciliar, por exemplo na AGES instituição em que a gente trabalhava, no discurso tinha valorização do adolescente enquanto individuo, enquanto protagonista, mais só que só na pratica a gente se deparava com situação que não era levado em conta, muito mais importava o que os técnicos, o que a gerencia acreditava ser melhor para este adolescente do que ele almejava, né então, muito complicado está questão da instituição, dependendo da forma que ele trabalha acredito que seja possível conciliar.

Como fazia para agir diante desta questão?

Eu sempre levava em consideração alguns anseios da instituição claro, mais priorizava a questão do adolescente mesmo, do que ele traz, por mais que a instituição pregue algumas coisa, a gente se deparava com uma infinidade de situações, que as vezes que a instituição, como posso dizer nem imaginava, então não tinha como a gente seguir aquilo que a instituição pregava, e ai deixar de lado o adolescente, tem até algumas situações de vínculos afetivos que era construído com os adolescentes, recentemente após eu sair da instituição teve um adolescente que estava internado que a primeira coisa que ele fez após sair da internação foi me ligar, para agradecer, para gente marcar um almoço, para ir, isto para mim é fundamental, se eu tivesse seguido as

orientações da instituição, não o menino foi internado, depois que sai, ele se resolve, acho isto muito bacana.

Bom comecei, comecei até muito novo, com 18 anos, comecei na Prefeitura de Jandira, como instrutor de arte, o trabalho que a gente desenvolvia lá era apenas um pretexto, eu pensava que era um trabalho, mais social do que educativo, por conta que a gente atendia, crianças até idosos de 80 anos e minha postura foi sempre trazer um pouco, está criança, este adolescente, eu tenho

ENTREVISTA 5

Qual seu nome, sua idade?

Eu sou Vanice tenho atualmente 35 anos de idade, sou formada em serviço Social e atualmente trabalho como Assistente Social, na Política de Assistência Social

no município da grande Oeste em São Paulo. Na Assistência social digamos que atuou em torno de uns cinco, sete anos.

Você se considera educadora social?

Sim, me considero. Ser educadora social é quando você tem a concepção que sua ação dentro de um processo pedagógico, consegue transformar a ação do outro ou a própria realidade.

Sua infância

Com relação a minha infância posso dizer que não foi tão marcada no sentido das relações sociais, por conta da trajetória da minha família, de trabalhador, tanto meu pai, quanto minha mãe, né, na qual tinha que ta saindo cedo com os filhos pequenos para trabalhar, no qual tinha que ta saindo cedo com os filhos pequenos para trabalhar, construindo uma visão que nos classe trabalhadora, tínhamos que esta seguindo o mesmo fluxo, está mesma trajetória, e esta trajetória muitas a vezes afasta da convivência familiar, a convivência familiar fica marcada por outras questões que não o afeto.

Sua adolescência

Adolescência também marcada pela trajetória dos pais, da classe trabalhadora que tem que trabalhar muito, a perspectiva de um pai, de uma mãe que vem nesta condição é fazer com que o filho consiga galgar outras condições, naquele sentido que o estudo fara que o filho terá uma outra posição dentro na sociedade. A minha adolescência foi muito marcada pelo Estudo e pouco convivência das relações sociais, de festa vivenciada pela adolescência atual.

Principal dificuldade que precisa ser superado

Acho que seja pela dinâmica, pela dinâmica mesma da família, seja a convivência familiar, a trajetória da família faça que a convivência familiar meio que não tenha acontecimento, de forma adequada para o desenvolvimento de uma criança de um adolescente, acho que neste sentido, a fragilidade da convivência familiar. Acho que trouxe dificuldade nas relações sociais mais ao mesmo tempo trouxe superação, eu foco muito mais na superação do que aquilo que tenha prejudicado, ou tenha sido

insatisfatório. O movimento de superação, no espaço, onde você começa conviver e que você começa a traçar a sua trajetória, diferente da trajetória familiar, você passa a frequentar a escola, você passa a conviver com outras pessoas que galga outras coisas na vida, em cima disto você começa a construir não só sua trajetória, mais uma outra concepção de mundo.

Acho que o diferencial foi a trajetória escolar, ela perpassou a questão da alfabetização e foi galgando até academia, acredito que tenha sido o processo da academia para rompimento da alienação para construção de uma outra trajetória, trajetória está que desemboca na militância.

A trajetória começou praticamente na faculdade com o CA Centro Acadêmico que tinha algumas questões de divergências com a direção na qual muito me indignava algumas postura da direção, foi quando eu comecei a participar de forma efetiva do Centro Acadêmico, e participando do Centro Acadêmico que tinha uma visão mais de esquerda, foi quando um grupo de estudante do próprio Centro Acadêmico começou a fazer uma formação política por meio de um planejamento estratégico do Centro Acadêmico, foi quando eu comecei a me envolver e quando eu me formei na faculdade, foi quando este conjunto de estudantes que a gente tinha formado juntos outros se formaram, tanto antes como depois que continuou está trajetória de militância fora do espaço acadêmico, outros espaços da categoria do serviço social, e nesta trajetória eu comecei a me inserir em outros grupos dentro da própria categoria que começou a me trazer outra visão de mundo, uma outra complexidade e ai fui percorrendo esta trajetória e isto foi me encantando cada vez mais, cada vez mais até eu praticamente me envolver cem por cento, era a militância vinte quanto horas

O engajamento é um desafio cotidiano, apesar do engajamento a gente se depara com varias questões que estão muito além do nosso engajamento, são questões mais estrutural e quando a gente milita e tem uma concepção de mundo e acredita que a mudança so se da por meio de urixma outra ordem societária, ai a gente acaba meio que muitas vezes se frustrando e outras vezes ganhado mais força para que a gente lute para está nova ordem societária mesmo.

A escolha da faculdade de serviço social não foi a primeira opção, minha primeira opção era letras eu queria, gostava muito de escrever e isto me encantava muito, na época da adolescência escrevia muito, muito textos literários, mandava para alguns lugares, então praticamente me dedicava a escrita, não foi a minha primeira

opção, por não ter passado no curso de letras acabei optando pelo serviço social por uma questão, eu algumas afinidades entre o que eu queria e o serviço social e acabei escolhendo o serviço social pelo que via e fui me encantando durante o processo de formação.

Durante a minha carreira profissional logo que me formei em 2003 eu busquei aprimoramento em Saúde mental, no qual eu fiquei uns dois anos fazendo o aprimoramento em saúde mental. Que tinha uma concepção da reforma psiquiátrica, de que o tratamento da pessoa que tem transtorno, o doente mental teria que ser realizado na comunidade, então passei por alguns serviços da reforma psiquiátrica que foi no hospital geral na ala da psiquiatria que foi o centro de convivência e no CAPS II, Centro de Atenção Psicossocial, que contribui muito com a minha visão de mundo, com a percepção de um ser humano, e logo na sequência contribui muito com a minha formação e logo na sequência eu estava no processo de organização política de um grupo, montamos um grupo pra galgar o espaço da categoria do serviço social, foi quando eu fui convidada para trabalhar num centro de defesa do direito da criança e do adolescente CEDECA, na qual eles estavam sendo pioneiro, um projeto piloto para esta trabalhando a questão do ciclo da violência com criança e adolescente na comunidade, como também com os adolescentes que estavam em comprimento medida sócio educativa em meio aberto.

Liberdade assistida e prestação de serviço a comunidade também, deixa eu ver se este período, praticamente pedi para sair do Centro de Defesa do direito da Criança e do adolescente por opção para focar na pesquisa, eu estava fazendo o mestrado e eu queria me focar na pesquisa, de produzir conhecimento para a sociedade e para a academia, foi quando eu pedi meu desligamento, eu fiquei neste desligamento durante um tempo até o começo de 2010, foi quando eu fui para um outro projeto, também piloto, um projeto para trabalhar com as famílias interessadas ou não, ou a comunidade, pra se efetivar a família acolhedora em um dos municípios da grande Oeste, no final da grande oeste na verdade, até chegar na Prefeitura, prefeitura atual que eu estou.

Qual foi seu tema de pesquisa no mestrado

Meu tema de pesquisa do mestrado esta voltado para a questão da formação do trabalhador na política de assistência Social, especificamente no período de 2005 a 2008, pegando com um recorte os trabalhadores, os trabalhadores que passaram por um

processo de mudança na gestão anterior, na gestão de de 2002 a 2004, na valorização da formação permanente deste trabalhadores, como eles estavam vendo está mudança, num momento muito rico, que foi São Paulo, que foi a construção do espaço, espaço do aprender social, onde se produz conhecimento na política de Assistência Social na cidade de São Paulo

Atual emprego.

É na onde eu estou, passei por alguns equipamentos né, passei primeiramente pela própria estrutura, pela própria estrutura administrativa no sentido, onde se elabora, onde consegue contribui com a política de assistência social do município, passando pelo Centro de referência especializado que o CREAS, passando também pelo centro de acolhimento da criança e do adolescente e passando pelo Centro de referência contra a discriminação e combate ao racismo e atualmente passando pelo Centro de referência e assistência social o CRAS,

E o que mais me marcou deste equipamento que eu passei, foi o serviço de acolhimento de crianças e adolescentes, e .. remete a alguma questão de minha trajetória, seja da infância ou da adolescência, com relação da convivência familiar, dos vínculos estabelecidos, seja ele com a comunidade, seja ele com os familiares, seja ele com a pessoa de referência, acho que isto marcou bastante entre os serviços.

Qual foi a principal dificuldade

A principal dificuldade talvez, tenha sido a compreensão dos funcionários em relação a complexidade dos serviços de acolhimento da criança e adolescente, no cotidiano sempre aponta algumas reflexões, apontando algumas reflexões que pudesse contribuir, fazendo um encontro para refletir com o funcionário que lugar é este do educador.

Como era sua relação com os educandos

Com os educandos não tinha nem um conflito, não tinha nem uma desavença que pudesse que quebrar o vínculo e com as famílias também, eu acho que as dinâmicas estabelecidas inicialmente pelo serviço que já estava constituída no município algum tempo, né talvez tenha sido difícil implantar outras mudanças seja na relação com a

criança e adolescente ou com as famílias que algum momento já haviam vivenciado a questão do acolhimento dos seus filhos e de seus membros da família.

Referente a questão do protagonismo.

Na verdade ser protagonista, eu não tenho uma visão tão clara do que seja o protagonista, eu acredito que seja de você compreender que você é seja sujeito de sua própria história, acredito que seja isto, não tenho muita certeza sobre.

Fazendo que o rumo que eu queira da minha vida seja definido por mim e não pela estrutura.

Como você vem fazendo isto para contribuir

É grande desafio por que sozinhos em quanto profissionais não somos suficiente para contribuir neste processo com o usuário, acredito que vários profissionais e varias pessoas que participam ou participaram da vida deste usuário pé passível de contribuição neste processo, acredito que eu sozinha enquanto profissional possa dar um indicador, um inicio, um pontapé inicial, mais eu acredito com outros atores envolvidos este processo pode desenrolar.

O que seria aprendizagem

Aprendizagem seria um conjunto de elementos que façam com que nos conseguimos desenvolver, meu aprendizado parte da estrutura familiar até uma estrutura mais dinâmica da sociedade, da comunidade, para além do ensino.

A princípio, meu processo de aprendizagem, até a quarta serie com dificuldade com as questões um pouco mais abstrata eu não sei se toda criança passou por isto, que a questão da matemática, questão da lógica, um pouco de dificuldade até a quarta serie com está coisa um pouco mais abstrata, e mais facilidade com as questões que tem a ver com as relações humanas, um pouco mais palpável. Depois disto o aprendizado foi mais tranquilo.

ENTREVISTA 6

Seu nome, sua idade em que é formada e com que trabalha atualmente.

Meu nome é Janaina tenho 37 anos, sou formada em psicopedagogia, estou fazendo um mestrado em psicologia da educação. Estou sem trabalhar atualmente, como eu ganhei a bolsa, tenho que ficar sem trabalhar mesmo.

Meu ultimo emprego foi num abrigo, eu era educadora social, sócio educativa, assim que estava escrito na carteira. Antes disto eu prestava serviço voluntario numa ONG de idosos, que eu era educadora dos idosos na parte de alfabetização.

Fale sobre sua infância.

Minha infância faz tanto tempo, é tão complicada, é minha infância fui uma criança muito calma, meus familiares disseram que eu nasci educada, era muito comportada e ao mesmo tempo muito vergonhosa, morria de vergonha de tudo. Fui filha..., fui filha não, sou filha, minha mãe me teve com 14 anos, por isto fui criada por um pouquinho de cada membro da família devido a idade dela, meu pai não me dava

tanto atenção por que ele era garotão e tinha 18 anos, o que tenho para falar da minha infância resumindo.

Minha adolescência

Foi uma adolescência rebelde, tudo o que eu era quietinha, acho que eu quis colocar todo bicho para fora na adolescência, então eu aprontei muito, mas o aprontar é assim, namorar, ir para baile, nunca usei drogas, comecei a fumar, o primeiro cigarro coloquei na boca 17anos, primeiro gole de cerveja com 14 anos e não parei até hoje, mas tudo bem, mais bebia muito pouco na adolescência. O mais terrível é por que gostava muito de dançar, então dançava ia para baile comecei minha adolescência praticamente com 10 anos de idade, com 12 anos passava a noitada fora de casa, então minha mãe teve muita dor de cabeça comigo neste sentido. Mas na verdade eu tinha muita vontade de ser livre independente, mais eu tinha uma revolta interna contra minha mãe, contra minha família realmente por isto eu não obedecia. Mas isto depois vem na fase adulta, né pode fazer outra pergunta.

As dificuldades de um ou de outro, ou as duas ao mesmo tempo. A maior dificuldade, eu acho o que mais marcou a minha vida foi a falta de dinheiro mesmo, por causa di, é... minha mãe e meu pai nunca tiveram um emprego fixo, passava muita necessidade em casa, cheguei até passar fome, então era tipo assim os parentes ajudando, tia como falei inicialmente, vó, então que mais marcou realmente, tanto na infância quanto adolescência, tanto que adolescência com a revolta minha eu já fui trabalhar cedo para suprir esta necessidade financeira, por que é muito difícil passar por necessidade.

Indo trabalhar, eu trabalhava buscando minha independência, mesmo adolescente tentei sair de casa, minha mãe não permitiu, falou que colocava a policia atrás de mim para fazer eu voltar de volta, por que eu já trabalhava, cheguei a alugar uma casa com minhas amigas adolescentes, arrumamos fogão, cama tudo, mas meu pai falou que colocava a polícia atrás de mim, falou que não tinha jeito que eu não podia sair, só com 18 anos. Então com 16 anos comecei a namorar, com 18 fiquei noivo e comecei a construir minha casa, casei por que minha mãe falou que só saia casada, arrumei minha vida financeiramente falando assim..., comprei minha casa, meu carrinho e consegui superar assim.

Como você se tornou uma educadora

Eu trabalhei minha vida inteira, desde a adolescência sendo vendedora e nas vendas, tem muito aquele ditado que fala vendedor só quer enrolar não vai para o céu, vendedor mente muito, e eu menti muito, pelas instituições que eu passei realmente elas faziam com que eu mentisse, é obrigada ou cumpria com que eles mandava ou eu estava fora deste time, e por enganar muito e saber que estava enganando aquilo ali me fazia muito mal e imaginei na minha mente que as pessoas que trabalham assim com a sociedade, eu imaginei que eram pessoas boas, eu imaginei isto e eu queria cavar meu cantinho no céu. Sabe quando Você vê tanto hipocrisia, cobra comendo cobra, nas vendas, apesar que eu gostava muito de vender, sempre gostei muito e eu tentava pelo menos vender sonhos, tanto que eu levava muito choque dos meus gerentes, que eles falavam Janaina deixa não pode ser assim boazinha, mas mesmo assim não deixava de vender não, era boazinha até um certo ponto, mais eu tinha que mentir muitas vezes e a busca pelo social foi para ver se eu conseguia me humanizar.

Meu trabalho foi na ONG Grupo Vida Brasil, fui fazer um estagio na verdade e o estagio acabou virando um trabalho voluntario, e tentei sair de lá várias vezes por conta do trabalho, da faculdade de outros estágios que tinha que fazer, só que eu acabei me pegando muito, sei lá e eu acabei virando educadora dos idosos, sinto muita falta de lá até hoje.

Como era sua relação com os educandos

No primeiro trabalho, que era um trabalho voluntário consegui criar vínculos com eles rápido e foi um vinculo assim que se estabeleceu, que foi um vinculo forte, bem bacana, já no abrigo este vinculo não ficou, não sei se eu fiquei pouco tempo lá, mais eu senti que o vinculo não era tão forte, era uma situação mais difícil, mais delicada e o próprio cenário em si trazia uma sensação de opressão, no meu caso eu como educadora e está sensação de opressão da instituição atrapalhava no vínculo com os educandos .

Como sua trajetória de vida contribuiu

Eu nunca pensei, nunca planejei trabalhar na área social, só que na verdade, a vida, o decorrer da minha vida me levou a isto, então que dizer eu nem tenho como tia falar assim como foi, foi realmente uma consequência, quando menos eu percebi eu

estava lá, eu num, na verdade não foi uma coisa assim que eu falei ó, eu quero ser isto quando crescer eu quero fazer isto, relamente eu fui levada até este caminho.

O que é o protagonismo para você:

Hoje eu posso dizer que eu ser protagonista, por que hoje eu consigo ter autonomia, ter autoria de pensamento e na minha infância e adolescência eu não conseguia fazer isto.